



Catálogo na fonte pela UFF / SDC / CBI

R454 Revista Universidade & Sociedade / Revista da Pró-Reitoria de Extensão. Universidade Federal Fluminense. – vol.1, n.1 (out.2021). -- Niterói : Universidade Federal Fluminense, 2021.

Semestral.

Publicação online.

Editor : Cresus Vinicius Depes de Gouvêa.

Editores-Assistentes : Lucíola Rangel de Luca.

1.Extensão Universitária. 2. Universidade & Sociedade. 3. Periódico Extensionista . 4. Universidade Federal Fluminense.

I. Universidade Federal Fluminense.Pró-Reitoria de Extensão.

II. Gouvêa, Cresus Vinicius Depes de. III. Luca, Lucíola Rangel de.

CDD 23.ed. – 378.175

Bibliotecário responsável: Ilva Pereira Lima Becker – CRB7/4723



REVISTA UNIVERSIDADE & SOCIEDADE

Revista da Pró-Reitoria de Extensão | Universidade Federal Fluminense
n.01, 2021

Reitor: Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

Vice-Reitor: Fabio Barboza Passos

Pró-Reitor de Extensão: Cresus Vinicius Depes de Gouvêa

EDITOR

Cresus Vinicius Depes de Gouvêa

EDITORA-ASSISTENTE

Lucíola Rangel de Luca

APOIO TÉCNICO

Edilson Pinheiro

Sílvia Ferreira

REVISÃO DE TEXTOS

Santhyago Camello

Helena de Aquino Freitas Almeida Souza

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Bárbara da Paz Ferraz Santos

SUMÁRIO

- 5 APRESENTAÇÃO
Antonio Claudio Lucas Da Nóbrega
Fabio Barboza Passos
- 6 EDITORIAL
Cresus Vinicius Depes de Gouvêa
- 8 NEUROCIÊNCIAS PARA TODOS: COMO CRIAR CONEXÕES ENTRE
A UNIVERSIDADE E A COMUNIDADE?
Priscilla Oliveira Silva Bomfim
- 16 ESPAÇO ABERTO PARA A SAÚDE: INFORMAÇÃO SOBRE SAÚDE E
QUALIDADE DE VIDA PARA A COMUNIDADE
Jorge Luiz Lima da Silva; João Victor Lima da Silva; Giulia Lemos de
Almeida; Fernanda Karolinne Rampe de Oliveira; João Victor Manço
Resende; Alex Maciel Ferreira; Silvia Regina Queiroz Ferreira
- 24 LABORATÓRIO ABERTO:
DIVULGANDO A CIÊNCIA COM BASE NA MEDICINA VETERINÁRIA
Aline Moreira de Souza; Gerlaine dos Santos Barbosa;
Carla Gabriela Bomfim Palermo; Marcia de Souza Xavier
- 31 OFICINA DE MÚSICA NO AUTISMO:
ENCONTROS AUTÊNTICOS E DIFERENÇA HUMANA
Stephan Malta Oliveira; Luísa Azevedo Damasceno;
Nathalie Emannelle Hoffman; Letícia Azevedo Damasceno;
Cecília Albuquerque Reynaud Schaefer; Alba Cristina Martins da Silveira
- 37 POLÍTICA EDITORIAL

APRESENTAÇÃO

Antonio Claudio Lucas Da Nóbrega Reitor

Fabio Barboza Passos Vice-Reitor

A extensão universitária pode ser entendida como um espaço em que o ensino e a pesquisa, de maneira indissociável, se articulam para a produção de conhecimentos que atendam às demandas da sociedade, em especial das camadas mais vulneráveis da população. A construção desse conhecimento não é, entretanto, exclusiva da universidade. A partir da articulação da universidade com a sociedade, a produção de conhecimentos se dá de maneira conjunta, seja pelo reconhecimento de saberes das comunidades, seja pelo desenvolvimento de novos temas de investigação e linhas de formação de estudantes decorrentes das ações de extensão.

A Universidade Federal Fluminense tem ampla tradição na atuação extensionista, interagindo, ao longo de sua história, com as comunidades dos nove municípios do estado do Rio de Janeiro, onde estão instaladas as suas unidades acadêmicas, bem como de outros locais do Brasil, em especial o município de Oriximiná, no Pará, sede da Unidade Avançada José Veríssimo (UAV). Nessas localidades, a UFF é reconhecidamente um agente indutor de políticas públicas que buscam a inclusão social, a defesa das diferentes culturas, a preservação do meio ambiente, a valorização da democracia e o desenvolvimento sustentável. A tradição extensionista da UFF tem garantido uma formação diferenciada para os seus estudantes, dotando-os de uma visão ampliada de seu papel social ativo e transformador, e capacitando-os para en-

frentar os desafios (e aproveitar as oportunidades) que a sociedade brasileira apresenta.

A atual gestão da Universidade Federal Fluminense tem buscado sempre garantir a valorização da extensão, tanto por meio de editais de fomento, quanto pela curricularização da extensão. Nesse sentido, o lançamento de um periódico acadêmico voltado para a extensão (algo bastante necessário e solicitado por toda a comunidade extensionista) é mais uma dessas ações de reconhecimento e distinção, constituindo uma iniciativa extremamente relevante da UFF por meio de sua Pró-Reitoria de Extensão (PROEX). A revista *Universidade & Sociedade* é, portanto, uma oportunidade de divulgar o conhecimento desenvolvido por meio das ações de extensão não apenas da UFF, mas também de outras instituições de ensino superior, contribuindo para o debate acerca do tema e incentivando novos agentes a atuarem no fazer extensionista.

Que este seja o primeiro número de uma longa trajetória de fomento e incentivo à extensão universitária.

EDITORIAL

Pró-Reitor de Extensão
Editor

Cresus Vinícius Depes de Gouvêa

O percurso da extensão universitária no Brasil ao longo dos anos atravessou diferentes etapas e momentos históricos, sempre em consonância com a trajetória política, econômica, social e cultural do país, em particular com o desenvolvimento evolutivo da Educação Pública Superior. As agudas contradições internas verificadas mantiveram as universidades fechadas em si mesmas, com pouca ou nenhuma abertura para o imprescindível diálogo maior com a sociedade.

Algumas ações extensionistas começaram a ser executadas no passado de forma aleatória a partir de iniciativas individuais voluntárias de alguns corajosos desbravadores, mas que, ainda que muito bem-intencionadas e necessárias, não davam o devido enfoque na indissociabilidade que deve haver entre ensino, pesquisa e extensão, o que só foi verdadeiramente verificado em ações criadas muito posteriormente. Essa indissociabilidade é fator de grande relevância no processo de vinculação da universidade à sociedade – ao povo – e, com isso, a consolidação da tarefa extramuros (a extensão universitária per se) das instituições públicas de ensino superior enquanto dever social.

A partir do conceito de extensão que vem sendo gradualmente construído pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX), são traçados questionamentos e reflexões acerca do papel das universidades brasileiras na atualidade e os compromissos e relações estabelecidos com a sociedade. Trata-se dos marcos históricos da constituição das universidades em sua inserção social e a natureza das suas relações com os demais espaços sociais, com seus dilemas e paradoxos.

São muitos os desafios internos de fazer e compreender a extensão, mais ainda quando a contemporaneidade aporta para a universidade para que possa ela transformar-se e atuar nos processos democráticos e menos hierarquizados de fazer ciência e produzir impactos na construção de uma sociedade mais justa. A atividade extensionista, tal qual boa parte das iniciativas acadêmicas, não está livre de conflitos internos e incompreensões externas sobre objetivos, teorias, con-

ceituação, metodologias e públicos-alvo das suas muitas práticas. Os obstáculos são muitos e poucos são aqueles que reconhecem o período privilegiado em que se vive o “fazer extensionista”, e da sua importância na retomada de um pensamento de universidade enquanto instituição e força motriz capaz de apresentar propostas para um projeto de sociedade que seja amplo, justo e plural.

A problemática que se impõe é grave, pois os erros conceituais e a desinformação acerca de o que é a extensão universitária ainda são muito recorrentes. De fato, não são poucas as afirmações de que o ensino ministrado nas universidades tem qualidade e competência, assim como são muitas as citações sobre a pesquisa de nível internacional realizada nos laboratórios e programas de pós-graduação, mas quando se trata da extensão praticada e desenvolvida nas universidades brasileiras, muitos se perguntam: o que é mesmo? Para que serve? Qual o valor que tem para o currículo? Estas questões não são exclusivas da extensão. A própria universidade pública enquanto instituição está sendo questionada no atual momento social e político da nação, e os ensinamentos de Paulo Freire e Darcy Ribeiro, mais do que nunca, são essenciais para refundar a universidade na perspectiva de sua essência primal e de sua prática humanitária, cultural e social.

Nesse sentido, a Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Fluminense (PROEX), vem recebendo todo o apoio da atual gestão da UFF em ações voltadas para enfrentar essa realidade, incluindo o lançamento de programas com vistas ao desenvolvimento da extensão, cumprindo seu papel integrador vocacional e institucional. A revista *Universidade & Sociedade* que agora a PROEX dis-

ponibiliza, é uma dessas ações. Trata-se de um periódico acadêmico semestral, aberto às contribuições nacionais e internacionais, que tem por objetivo tornar-se um espaço amplo para o intercâmbio de práticas e para o debate, capaz de estimular a reflexão acerca das ações extensionistas desenvolvidas pelas instituições de ensino superior e sua repercussão na sociedade. Destaca-se a importância, nos trabalhos publicados no periódico, da indissociabilidade com o ensino e a pesquisa, a interdisciplinaridade e o envolvimento com a comunidade.

Cumprido ressaltar que, para esta primeira edição, os artigos não foram submetidos para avaliação por pares de um corpo editorial composto por professores de comprovado saber extensionista (corpo este que se encontra em construção), ainda que tenham sido devidamente avaliados pelos editores do periódico, e não cumprem integralmente as normas da política de publicação da revista, estabelecidas simultaneamente à revisão e formatação dos textos. No entanto, trazem colaborações de grande importância para a prática da extensão e confirmam a responsabilidade social na medida em que atendem as demandas da sociedade. As referidas normas encontram-se neste número e já estão em vigor para submissão dos artigos a serem publicados na próxima edição.

Assim, com este primeiro número da revista *Universidade & Sociedade*, edição especial de lançamento, a Pró-Reitoria de Extensão inaugura mais um espaço de discussão crítica da experiência acadêmica da universidade com a comunidade, o qual fortalece a extensão universitária enquanto prática e campo do saber e, conseqüentemente, fortalece a universidade pública brasileira.

NEUROCIÊNCIAS PARA TODOS: COMO CRIAR CONEXÕES ENTRE A UNIVERSIDADE E A COMUNIDADE?

Professora do Departamento
de Neurobiologia/PPG
em Neurociências da
Universidade Federal
Fluminense
UFF, Niterói - RJ
E-mail: priscillaos@id.uff.br

Priscilla Oliveira Silva Bomfim

RESUMO

O cérebro e suas funções geram enorme curiosidade popular. Cada vez mais a sociedade tem buscado informações a respeito do sistema nervoso, tentando entender como este governa o nosso comportamento. A demanda crescente e necessidade de que a ciência de qualidade alcance a comunidade fizeram com que surgisse o Núcleo de Pesquisa, Ensino, Divulgação e Extensão em Neurociências (NuPE-DEN), oficialmente em 2016. O núcleo reúne uma série de ações voltadas às neurociências e áreas correlatas, (des)envolvendo a pesquisa científica, o ensino, a divulgação da ciência e a extensão universitária, a partir de diferentes estratégias que incluem, ainda, a inovação em pesquisa. O crescimento do núcleo fez com que, em 2018, ele se tornasse um programa de extensão, reunindo parceiros e grupos de pesquisa interinstitucionais. O NuPEDEN é vinculado ao Departamento de Neurobiologia do Instituto de Biologia da UFF e ao Programa de Pós-Graduação em Neurociências da mesma universidade, e tem como parceiros o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Neuroimunomodulação (INCT-NIM/CNPq), a Rede de Neuroinflamação do Rio de Janeiro (RENEURIN/FAPERJ), ambos em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz/RJ, o Núcleo de Divulgação Científica e Ensino de Neurociências (NuDCEN/UFRJ), ligas acadêmicas da UFF e, mais recentemente, o Instituto Ciência Hoje, ampliando o seu raio de ação. Nosso principal objetivo é viabilizar o aprendizado e reflexão sobre as neurociências considerando atividades habituais e rotineiras onde ela se encaixa nas nossas vidas, preconizando sempre uma linguagem científica acessível para a construção do diálogo permanente e interação com a sociedade.

Palavras-chave: neurociências, educação, sociedade, mídias, desenvolvimento social.

ABSTRACT

The brain and its functions generate huge curiosity in people. Society is increasingly seeking information about the nervous system, trying to understand how it governs our behavior. Due to the growing demand and the need for quality science to reach the community, NuPEDEN (Center for Research, Teaching, Dissemination and Extension in Neurosciences) officially appeared in 2016. The center brings together a series of actions aimed at neurosciences and related areas, involving scientific research, teaching, science dissemination and popularization, based on different strategies, that also include innovation in research. The growth of the center meant that, in 2018, it became an extension program, bringing together partners and interinstitutional research groups. NuPEDEN is linked to the Neurobiology Department of the Biology Institute at UFF and to the Neuroscience Graduate Program at the same university, and has partnerships with the National Institute of Science and Technology in Neuroimmunomodulation (INCT-NIM/CNPq), the Neuroinflammation Network of Rio de Janeiro (RENEURIN/FAPERJ), both in partnership with the Oswaldo Cruz Foundation/RJ, the Center for Scientific Dissemination and Neuroscience Teaching (NuDCEN/UFRJ), UFF's academic leagues and, more recently, with Instituto Ciência Hoje, expanding its range of action. Our main purpose is to make learning and reflection on the neurosciences feasible by considering habitual and routine activities through which they fit in our lives, always adopting an accessible scientific language for the construction of a permanent dialogue and interaction with the society.

Keywords: neurosciences, education, society, media, social development.

“O MEU, O SEU, O NOSSO CÉREBRO: a curiosidade engajando o aprendizado”

A curiosidade é uma condição essencial para os seres humanos. Ela nos permite transpor barreiras, incluindo os nossos próprios limites, em busca de um objetivo, que pode ser desde o entendimento de como algo funciona até ser aquilo que nos move a desenvolver algo novo. Podemos relacionar a curiosidade diretamente com a motivação que cada um de nós tem para o aprendizado. No entanto, é nítido e cientificamente comprovado que, quanto mais interativa e lúdica uma experiência for, maior a chance de ser aprendida, podendo assim ser evocada sob a forma de memória (Sprawls, P., 2008).

Aprender, num primeiro momento das nossas vidas, resume-se à motivação intrínseca que envolve tão somente a curiosidade, sem a necessidade de se obter recompensas, e o brincar (Oudeyer, P.-Y., Gottlieb, J. & Lopes, M., 2016; Gruber, M.J. & Ranganath, C., 2019). Sim, as crianças gostam de brincar, e elas precisam brincar para que o sistema nervoso seja desafiado a se organizar e reorganizar a partir das experiências vividas pela criança. Interessante é pensar que nenhum de nós nasce falando ou andando, mas bem pouco tempo depois de nascer já manifestamos uma forma de responder aos estímulos que chegam até nós. Respondemos sorrindo,

movendo os membros rapidamente, direcionando a cabeça para onde vem o som que nos estimula, produzindo sons na nossa tentativa rudimentar de comunicação, e brincamos. Brincar é uma necessidade vital para o ser humano em desenvolvimento, parafraseando Frost no seu artigo que podemos não compreender, mas quando brincamos com uma criança, quando falamos com ela, a pegamos nos braços, para nós estamos apenas brincando, mas para elas estamos estimulando o seu desenvolvimento neuropsicomotor (Frost, Joe L., 1998). Brincando elas aprendem, e é por isso que brincar é prazeroso.

E o brincar no desenvolvimento infantil envolve a criação de estratégias pelo nosso cérebro, para que os desafios provenientes do ambiente possam ser decodificados e respondidos, resultando na modificação do nosso comportamento frente aos mais variados estímulos. Desafiar o sistema nervoso significa colocá-lo à prova, todos os dias desde que nascemos, para que ele responda aos diferentes estímulos sensoriais que chegam até nós: auditivos, visuais, táteis, gustativos e olfativos, por exemplo. E assim o nosso sistema nervoso vai sendo reorganizado após o nascimento, para que possa funcionar de maneira apropriada durante toda a nossa vida. Desta forma, vamos construindo a nossa identidade, seguindo as bases biológicas da plasticidade neural (Tovar-Moll, F & Lent, R, 2016).

Entendendo a importância da interação, do aprendizado lúdico, criativo e não engessado, para se “qualificar” e não se “quantificar” o aprendizado, surgiu o NuPEDEN, em novembro de 2016. O núcleo teve origem na demanda social identificada referente à necessidade de se oportunizar o aprendizado de

maneira mais interativa e criativa, onde “o meu, o seu e o nosso cérebro” pudessem criar conexões, a partir da análise crítica sobre um problema de difícil entendimento: as neurociências. E a inspiração foi buscada no dia a dia, na brincadeira de criança, na curiosidade inata do ser humano para a resolução de questões simples, relacionando com exemplos rotineiros que a neurociência está em tudo e em todo lugar. A motivação intrínseca é buscada no desenvolvimento de todas as atividades, ou seja, valorizando o aprendizado onde não necessariamente há uma consequência, uma recompensa, mas a busca da “ação” por diversão. Assim, crianças, adolescentes e adultos são “desafiados” de diferentes maneiras a interagirem conosco, através de materiais desenvolvidos para oficinas, em cursos presenciais, em palestras interativas e outras ações que colocam o participante como agente da ação, e não como um mero espectador. Entender o cotidiano, como a forma pela qual o cérebro associa diferentes sentidos na evocação da memória por uma criança pequena ou mesmo por um adulto, é fascinante; e para isso a abordagem deve focar na linguagem popular, sem que se perca a “ciência” do fato. Ou seja, é importante que o participante compreenda que a ciência explica o fenômeno e que este é passado pela equipe de forma natural, como fazê-lo entender a maneira pela qual se dá a transmissão sináptica através da analogia com brincadeiras de criança, tais como o telefone sem fio.

O crescimento do NuPEDEN levou à sua transformação de projeto a programa de extensão em 2018, já que passou a desenvolver e abrigar uma série de projetos, que vão desde eventos realizados em ambientes formais ou não formais de ensino até a produção de

material, seja ele voltado a atividades presenciais ou não. O núcleo é estratificado para funcionar de maneira organizada; contudo, é absolutamente conectado a todas as suas subdivisões, de modo que aja como o cérebro: de maneira associativa e integrada (Figura 1). Assim, o NuPEDEN é constituído por diversos ramos, que incluem: divisão para atividades presenciais de ensino e extensão, produção de materiais, formação de recursos humanos, inovação científica e desenvolvimento de jogos, tecnologia da informação e pesquisa, dentre outros. Além disso, uma nova frente de trabalho foi elaborada, fazendo uso de um canal de neurociências voltado exclusivamente à educação, no YouTu-

be. Esta medida busca valorizar a relação da neurociência com o ambiente escolar além de oportunizar aos professores da educação básica, principalmente, a atualização de conteúdos dessa ciência que podem e devem ser aplicados na escola, visando à melhoria e aperfeiçoamento da sua prática profissional, valorizando assim não apenas os alunos, mas também o corpo docente, levando em consideração suas necessidades.

A captação de recursos humanos, alunos de graduação e pós-graduação de áreas distintas, é fundamental e proporcional ao crescimento das atividades ofertadas à comunidade, fazendo com que o pilar ensino-pesquisa-ex-

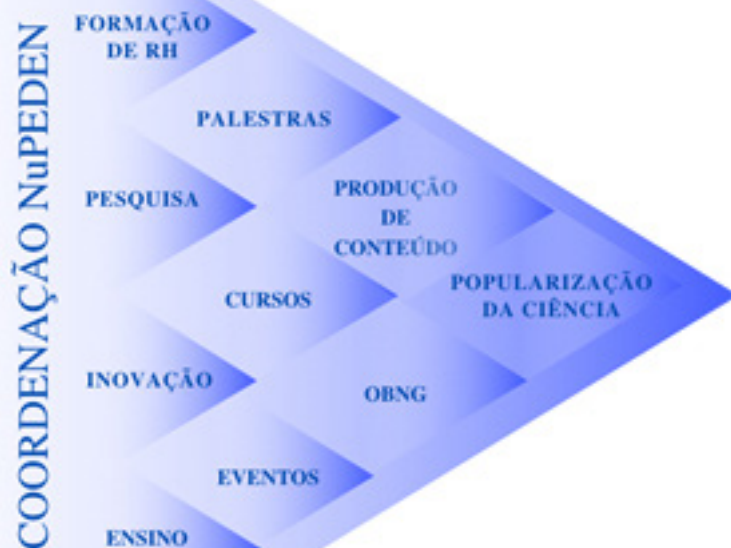


Figura 1. Organização administrativa e estratificada do NuPEDEN, que valoriza o intercâmbio funcional de atividades entre os diferentes setores. Todos com objetivo final de popularizar a ciência. RH: Recursos Humanos; OBNG: Olimpíada Brasileira de Neurociências para Graduandos.

Fonte: Arquivo da coordenação.

tensão seja fortalecido, buscando sobretudo a multidisciplinariedade. Além disso, o núcleo agrega recém-doutores que compreendem a real necessidade de uma ciência engajada no atendimento à demanda social, que ocupam posições de subcoordenação (atualmente são cinco) dentro do núcleo, ficando a cargo dos mesmos o planejamento e execução de atividades junto à coordenação geral. A parceria com as escolas da educação básica é um outro pilar de sustentação do núcleo, onde buscamos criar e manter os vínculos, e este tem sido um dos principais objetivos da coordenação. Para tanto, promovemos atividades onde a “neurociência vai à escola”, assim como atividades onde o corpo escolar, discentes e docentes, possam visitar a universidade e participar de uma gama de atividades propostas, provocando a curiosidade e despertando o desejo de fazer parte daquilo que, por direito, também lhes pertence: o espaço universitário e o conhecimento que é produzido nele, e que deve ser (com)partilhado com a sociedade.

A parceria escola-NuPEDEN fez com que voltássemos o nosso olhar para questões de importância social, tais como o uso de drogas, lícitas ou não, por crianças e adolescentes em idade escolar, abrindo então mais uma janela de oportunidades para o aprendizado baseado na experiência, na auto-motivação em prol de uma educação sobre essa temática considerada ainda um tabu pela sociedade. Neste sentido, procuramos atender à demanda investindo em inovação em pesquisa, envolvendo o desenvolvimento de uma tecnologia social que tende a resolver um problema social, que é o abuso de drogas pela população jovem. Segundo o relatório da Unesco de 2017 sobre drogas de abuso e seu impacto

na sociedade, é fundamental que haja políticas públicas que intervenham na escola com base em ações de prevenção (Unesco, 2017). O abuso de drogas tanto em países em desenvolvimento quanto em países desenvolvidos impacta fortemente a educação, na medida em que reduz o desempenho escolar, aumenta a taxa de evasão e faz com que uma grande parcela dos estudantes não complete os estudos e até mesmo não chegue a cursar o nível superior, contribuindo para um impacto negativo sobre o desenvolvimento social.

O principal desafio foi inovar dentro dessa temática para despertar a atenção da sociedade, já que a meta era sensibilizar alunos e professores para a discussão sobre drogas de abuso e outros assuntos relacionados ao cérebro, criando espaços de debate e reflexão crítica sobre o assunto e sua abordagem, aliando-se ao objetivo de repensar as práticas político-pedagógicas. Consideramos na geração deste produto a recomendação da Unesco no cumprimento de ações de prevenção, de que a abordagem nas escolas sobre o tema, como citado anteriormente, aplique “métodos de ensino interativo realizados por educadores” (Unesco, 2017).


O desenvolvimento de jogos que ressaltem o caráter colaborativo é de fundamental importância, pois estes promovem a cooperação entre os participantes, a construção colaborativa do conteúdo e a disputa saudável, além de atuarem na melhoria da autoestima do indivíduo. Optamos pela gamificação do aprendizado como ferramenta para estimular o conhecimento, a educação e/ou a conscientização dos participantes. E assim nasceu o “PANE - Encontre a Saída”, um jogo que trabalha a temática de drogas de abuso de forma

colaborativa (Chagas, LS et al, 2020) (Figura 2). O produto pretende promover maior eficácia na aprendizagem, na maximização dos recursos institucionais e em um ambiente de aprendizagem mais flexível, entendendo que o aprendizado não serve a todos igualmente, que não existe um único modelo onde todos se encaixem; por isso a necessidade de expandir os mecanismos de exposição. Dessa forma, entendemos que o aluno/professor e/ou público em geral devem compartilhar a responsabilidade sobre o seu próprio aprendizado. Sendo assim, a gamificação do conteúdo em neurociências possui potencial de despertar a atenção dos jovens, e esperamos que haja impacto na melhoria da educação através da redução da evasão escolar, con-

sequentemente aumentando a força de trabalho social. Existe ainda um potencial no sentido de efeitos colaterais, para contribuir com a redução de custos no reestabelecimento da saúde do cidadão, em processos de reabilitação da adição e melhoria da segurança pública. Este projeto recebeu dois prêmios no ano de 2019, incluindo a segunda colocação no IX Seminário de Iniciação à Inovação da UFF na categoria Ciências Biológicas/Saúde e a primeira colocação no Prêmio UFF de Excelência em Inovação, na categoria Inovação para o Desenvolvimento Social, consolidando a nossa expectativa no reconhecimento de que o produto apresenta grande potencial para contribuir diretamente com o desenvolvimento social.

JOURNAL OF BIOLOGICAL EDUCATION
<https://doi.org/10.1080/00219266.2020.1757489>

 **Routledge**
Taylor & Francis Group



Crash: Find the Exit- A neuroscience board game as a tool to discuss mechanisms of drug abuse and addiction issues in the classroom

Luana Da Silva Chagas^{a,b}, Sarah Chagas De Almeida Silva^a, Rafaela Matos Coelho De Oliveira^a, Thais Magalhães Manhães^a, Giovanna Vicenta De Oliveira Braga^a, Beatriz Sarmiero Rodolpho^a, Helena De Souza Pereira^c and Priscilla Oliveira Silva Bomfim^{a,b,d}

^aNuPEDEN- Núcleo De Pesquisa, Ensino, Divulgação E Extensão Em Neurociências, Departamento De Neurobiologia, Instituto De Biologia, Campus Do Gragoatá, Niterói, Brasil; ^bPrograma De Pós-graduação Em Neurociências Da, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil; ^cDepartamento De Biologia Celular E Molecular - Instituto De Biologia, Campus Do Gragoatá, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil; ^dInstituto Nacional De Ciência E Tecnologia Em Neuroimunomodulação (INCT-NIM), Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Brasil

Figura 2. Artigo publicado sobre o desenvolvimento do jogo “PANE - Encontre a Saída”, em 2020.

Fonte: Journal of Biological Education, DOI:10.1080/00219266.2020.1757489

Como continuidade a este e outros projetos desenvolvidos no NuPEDEN, buscamos dar visibilidade para temas relacionados às neurociências na esfera digital. Assim, foi produzido conteúdo em diferentes plataformas para que pudéssemos manter a relação com o público que já conhece o nosso trabalho e também expandir a nossa abrangência. Hoje, as mídias sociais do programa veiculam catorze colunas de divulgação da ciência, cada uma dedicada a uma área das neurociências

(Figura 3). Em março de 2020 inauguramos o canal do YouTube (Figura 4), e pouco depois o Instagram em inglês, @nupeden.en, além do Twitter; o primeiro pensando em uma conexão com a escola, produzindo vídeos curtos, animados e com o conteúdo que é demandado pelas escolas. O segundo, com o objetivo de internacionalização do programa.

O crescimento do grupo e das suas áreas de atuação proporciona a produção de novos

A.

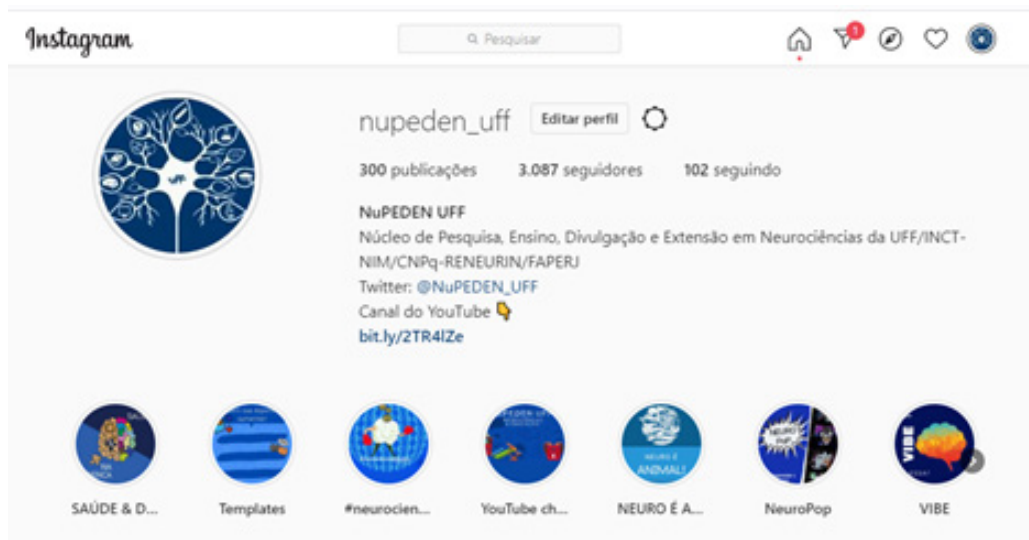
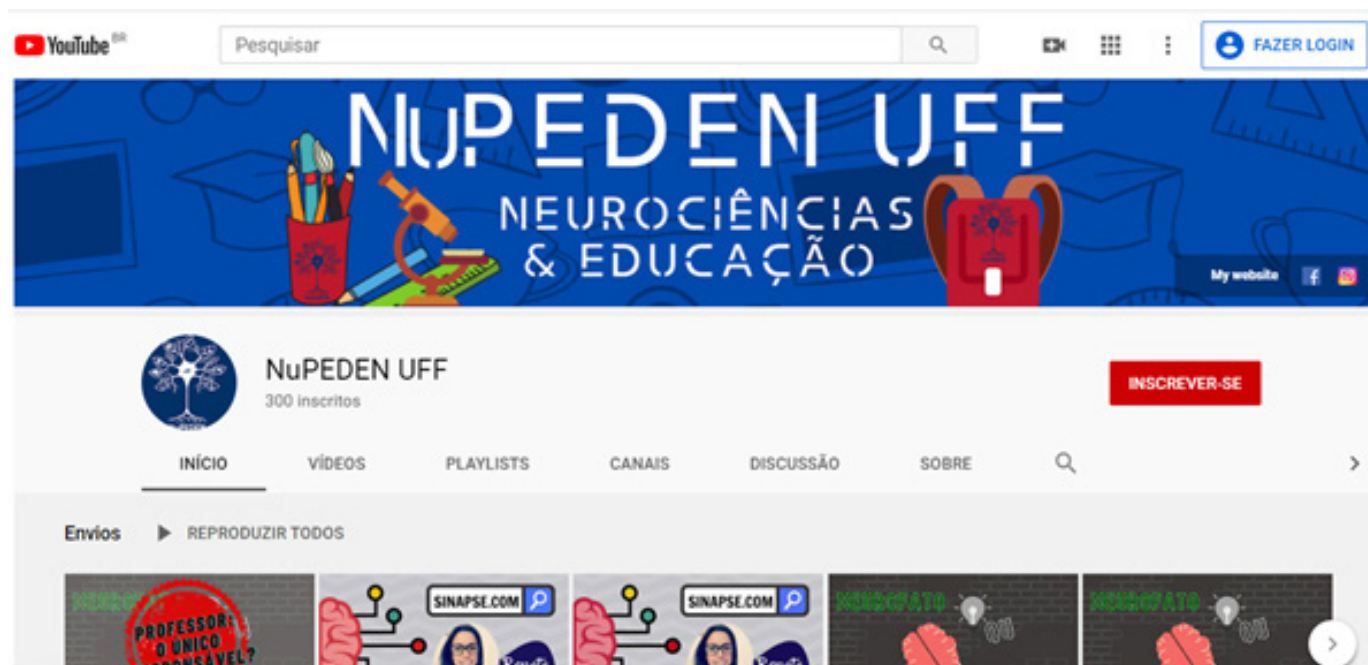


Figura 3.
A) Página no Instagram e
B) Canal de Neurociências e
Educação no YouTube.

Fontes:
A) Instagram @nupeden_uff;
B) YouTube/NuPEDEN UFF

B.



materiais, publicação em revistas indexadas, formação de recursos humanos de qualidade e comprometidos com a educação, dentre outros resultados. Hoje contamos com mais de 200 textos publicados no formato de colunas no Instagram (versando em 14 temas distintos), pouco mais de 20 vídeos no nosso canal do YouTube (divididos em 4 formatos ou quadros diferentes), artigos científicos e já temos uma mestranda sob orientação. Já passaram pelo núcleo, ao longo dos últimos quatro anos, mais de cem alunos voluntários, e também alunos vinculados em orientação

de atividades de extensão e inovação em pesquisa. Além disso, temos colaboradores em outros polos da UFF, como no de Rio das Ostras, além de outras universidades, como a UERJ; e até de outros estados da federação, como no Espírito Santo.

Em parceria com o Núcleo de Divulgação Científica e Ensino de Neurociências (NuDCEN) da UFRJ, criamos e coordenamos a Olimpíada Brasileira de Neurociências para Graduandos (OBNG), que em 2020 completou a sua terceira edição e contou com o

apoio da Sociedade Brasileira de Neurociências e do Comportamento (SBNc), além dos cursos de férias (verão e inverno) em neurociências, ofertados a alunos do ensino médio, professores da educação básica e os futuros professores, alunos de licenciaturas, promovendo a discussão de diferentes temas englobados pelas neurociências em um curso gratuito e acessível a todos. Em parceria com o pesquisador da Fiocruz Claudio Tadeu Daniel Ribeiro, criamos, no ano de 2019, o projeto Academia na Escola, que visa a transformar, através da parceria com a escola, o ambiente escolar em um espaço acadêmico. Para que isso fosse possível, a Liga Acadêmica de Fisiologia Humana (LiAFH/UFF), representada pelas pesquisadoras/docentes da UFF Aline Rabelo e Natália Galito, passou a dividir conosco a coordenação deste projeto na cidade de Niterói. Outros parceiros agregaram valor aos projetos, como a Liga Acadêmica Multiprofissional de Saúde Mental e Psiquiatria (LiPsi/UFF), o Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Neuroimunomodulação (INCT-NIM/CNPq), a Rede de Neuroinflamação do Rio de Janeiro (RENEURIN/FAPERJ), os dois últimos em parceria com a Fundação Oswaldo Cruz/RJ e, mais recentemente, o Instituto Ciência Hoje, através do qual passamos, desde outubro de 2020, a ter uma coluna fixa na revista Ciência Hoje das Crianças, comprovando a necessidade de levar as crianças a brincarem, imaginarem e, assim, tornarmos a ciência parte da vida delas, trazendo temáticas analisadas nos aspectos do cotidiano.

Teremos ainda um longo percurso, nos adaptando a novas tecnologias e à geração de novos produtos. Porém, mantemos sempre a visão de construção/fortalecimento de parcerias, em caráter permanente, de forma a atender a comunidade, vinculando sempre a universi-

dade ao cotidiano desta. Para nós, é de máxima importância que a sociedade compreenda a importância da universidade e de centros de pesquisa parceiros nesse processo de construção dela própria; e como nós, pesquisadores, professores e alunos das instituições públicas estamos atentos às suas necessidades, desenvolvendo inovação, pesquisa, ensino, divulgando e praticando a extensão universitária, com base na ciência para atender a uma demanda que, para nós, enquanto pesquisadores, professores e cidadãos, consideramos tão importante: o desenvolvimento social.

REFERÊNCIAS

- SPRAWLS, P. Evolving models for medical physics education and training: a global perspective. **Biomed Imaging Interv J.** 2008 Jan;4(1):e16. doi: 10.2349/bij.4.1.e16.
- GRUBER, M.J. & RANGANATH, C. How Curiosity Enhances Hippocampus-Dependent Memory: The Prediction, Appraisal, Curiosity, and Exploration (PACE) Framework. **Trends Cogn Sci.** 2019 Dec; 23(12): 1014-1025. doi: 10.1016/j.tics.2019.10.003: 10.1016/j.tics.2019.10.003
- OUDEYER, P.-Y., GOTTLIEB, J. & LOPES, M. Intrinsic motivation, curiosity, and learning: Theory and applications in educational technologies. **Progress in Brain Research,** 2016, ISSN 0079-6123, <http://dx.doi.org/10.1016/bs.pbr.2016.05.005>
- TOVAR-MOLL, F & LENT, R. The various forms of neuroplasticity: Biological bases of learning and teaching, **Prospects** 2016: 46:199-213.
- FROST, JOE L. Neuroscience, Play, and Child Development. Paper presented at the **IPA/USA** Triennial National Conference (Longmont, CO, June 18-21, 1998).
- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO), United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC) & World Health Organization (WHO). 2017. Education Sector Responses to the Use of Alcohol, Tobacco and Drugs. Paris, Vienna and Geneva: Good Policy and Practice in Health Education.
- CHAGAS, L.S., SILVA, S.C.A., OLIVEIRA, R.M.C, MANHÃES, T.M., BRAGA, G.V.E., RODOLPHO, B.S., PEREIRA, H.S. & BOMFIM, P.O.S. Crash: Find the Exit- A neuroscience board game as a tool to discuss mechanisms of drug abuse and addiction issues in the classroom, **Journal of Biological Education,** 2020, DOI:10.1080/00219266.2020.1757489.

ESPAÇO ABERTO PARA A SAÚDE: INFORMAÇÃO SOBRE SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA PARA A COMUNIDADE

¹ Professor da Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa - EEAAC/ Universidade Federal Fluminense / UFF Niterói- RJ. E-mail: jorgeluzlima@gmail.com

Jorge Luiz Lima da Silva¹
João Victor Lima da Silva²
Giulia Lemos de Almeida³
Fernanda Karolinne Rampe de Oliveira⁴

João Victor Manço Resende⁵
Alex Maciel Ferreira⁶
Sílvia Regina Queiroz Ferreira⁷

² Acadêmico de Enfermagem Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa EEAAC / Universidade Federal Fluminense UFF, Niterói - RJ

³ Acadêmica de Enfermagem Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa EEAAC / Universidade Federal Fluminense UFF, Niterói - RJ

⁴ Acadêmica de Enfermagem Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa EEAAC / Universidade Federal Fluminense UFF, Niterói - RJ

⁵ Acadêmica de Enfermagem Escola de Enfermagem Aurora de Afonso Costa EEAAC / Universidade Federal Fluminense UFF, Niterói - RJ.

⁶ Acadêmico de Cinema Universidade Federal Fluminense UFF, Niterói - RJ

⁷ Técnica Administrativa- Jornalista Universidade Federal Fluminense UFF, Niterói - RJ

RESUMO

Este relato de experiência apresenta o projeto de extensão Espaço Aberto para a Saúde (EAS) da Universidade Federal Fluminense (UFF), que desde o ano de 2008 contribui para que a interação saúde-comunidade seja alcançada. Visa a promover a educação em saúde como estratégia potencializadora da assistência integral à saúde, e coopera para a propagação e produção de materiais de ensino, pesquisa e extensão da UFF na área da saúde e cidadania. O projeto utiliza a estratégia das mídias sociais para que conteúdos com informação segura sejam compartilhados entre a população, e assim incentivem sua qualidade de vida. Possui divulgação na mídia por meio do Facebook e YouTube. Durante o ano de 2020, a equipe está desenvolvendo novas ideias como o quadro “Ciência e Saúde: Pesquisa”. Mesmo com os desafios enfrentados em época de pandemia e isolamento social, as gravações estão sendo realizadas de forma remota.

Palavras-chave: saúde pública; qualidade de vida; internet; produção audiovisual; comunicação.

ABSTRACT

This experience report presents the extension project Open Space for Health (OSH) of the Universidade Federal Fluminense (UFF), that since the year 2008 has contributed towards achieving the health-community interaction. The project aims to promote health education as an empowering strategy on integral health assistance, and cooperates to the propagation and production of teaching, research, and extension materials for UFF in the health and citizenship area. The project uses the strategy of social media so the content with safe information may be shared among the population, and then increase

its life quality. It is disclosed in the media through Facebook and YouTube. During the year 2020, the project's teams are developing new ideas such as "Science and Health: Research". Even with the challenges faced in times of pandemic and social isolation, the recordings are being made remotely.

Key words: public health; life quality; internet; audiovisual production; communication.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

A educação em saúde pode ser considerada como estratégia facilitadora para o conhecimento e habilidades que ajudam na escolha sobre saúde, sendo que os indivíduos são levados à consciência crítica e avaliação do autocuidado, reconhecendo comportamentos vistos como não benéficos a sua saúde. É sabido que a realização de ações educativas em saúde objetiva uma premissa dialógica, criativa e participativa que, sendo realizada, colabora para a assistência integral à saúde (FIGUEIREDO JÚNIOR et al., 2020).

Por definição, a educação em saúde é um conjunto de práticas pedagógicas participativas, que envolvem conhecimentos de diversos campos de atuação, e que empodera o sujeito. Nesse contexto, a Política Nacional de Promoção à Saúde foca, entre outros tópicos, na relevância da educação em saúde e na importância de fortalecer e qualificar a saúde da família (LIMA et al., 2019).

O estudo da educação em saúde nas disciplinas do curso de enfermagem proporciona a esse futuro profissional o treinamento para desempenhar o papel de educador, com o intuito de promover o aumento da autonomia da população em seus cuidados. Além disso, essa formação colabora na criação de atividades de ensino permanente para os profissionais, gerando atendimento qualificado para

as variadas demandas apresentadas pela sociedade (MOREIRA et al., 2019).

Com isso, 12 anos atrás, o professor coordenador desta ação se uniu a um grupo de três técnicos da TV universitária da UFF para avaliar as possibilidades, mecanismos e estratégias possíveis para que a comunidade pudesse participar de um programa, a ser exibido no canal comunitário local. A ideia era potencializar as ações de orientação em saúde, de maneira que incluísse a população. Foi então criado o projeto de extensão Espaço Aberto para a Saúde (EAS), da Universidade Federal Fluminense (UFF), com um piloto gravado sobre saúde mental em 02/2008.

Foi acordado então que a educação em saúde seria realizada inicialmente por intermédio da mídia televisiva. Ademais, a aprendizagem com ferramentas de educação à distância favorece um alcance maior da população, levando conteúdo com qualidade e acessibilidade. Os meios de comunicação locais e comunitários lidam com os assuntos que dizem respeito mais diretamente à vida das pessoas, no espaço vivido em seu cotidiano. Sua marca é a proximidade, sintetizada nos sentimentos de pertencimento, de identidades e nos elos do cotidiano. É essa marca que também ajuda a garantir sua aceitação, ou o sucesso que fazem junto à comunidade (MISKOLCI; PEREIRA, 2019).

Para que haja uma forma de educar qualificada, é relevante discutir essa temática com quem a aplica. Desse modo, abordar a educação em saúde com os profissionais de saúde é de grande valia, visto que a população necessita de cuidado horizontal e com linguagens simples e de fácil compreensão. Ressalte-se ainda a necessidade de unir profissionais de diversas áreas para uma orientação interdisciplinar, e que seja possível o aprofundamento de discussões e concretização de parcerias entre universidade e comunidade, pela via da extensão (SILVA; RIBEIRO, 2019).

Mediante o exposto, a comunidade foi consultada nas ruas, inicialmente sobre temas e questões emergentes, assim como sobre o recebimento de e-mails (espacoabertosau-de@gmail.com). A partir dessa interação, especialistas da área foram convidados aos estúdios da Unitevê-UFF para gravação de respostas aos questionamentos da comunidade. Assim, o projeto se firmou entre a

comunidade local, desde seu piloto, com material suficiente para ir ao ar de 2009 até 2013. Os vídeos eram exibidos via canal web da Unitevê, canal a cabo local e plataforma de vídeo chamada Ufftube, atualmente extinta.

Em 2012, foi criado o Facebook do projeto pelos bolsistas, e posteriormente o canal do YouTube, em 2013, para que os produtos fossem visualizados sob demanda, o que contribuiu para que essa interação saúde-comunidade fosse intensificada. Dessa forma, o projeto contribuiu para que o canal universitário apresentasse programa de TV que abordasse saúde, qualidade de vida e cidadania, de forma a divulgar as atividades de docentes, de extensão, de pesquisadores e acadêmicos para a comunidade local e estadual. Sobre a abrangência dos telespectadores, ousa-se dizer mundial, pois há alunos da universidade que acompanham o trabalho enquanto fazem intercâmbio pelo mundo (Fig. 1).

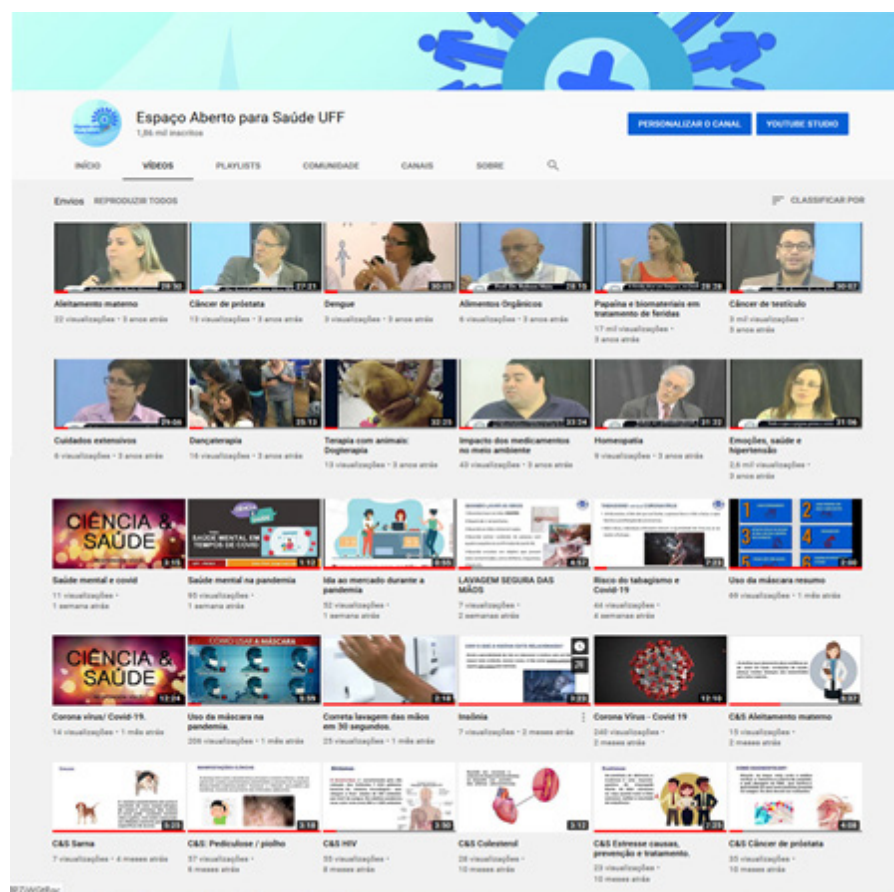


Figura 1. Canal no YouTube do Espaço Aberto para Saúde

Fonte: <https://www.youtube.com/espacoabertoparasaudefuff>

Em 2013, o projeto de extensão passou a ser “programa” de extensão, devido a unir um conjunto de ações: o próprio EAS; o fornecimento de material à TV universitária, por meio de DVDs; manutenção de página em mídia social e canal no YouTube; e, por fim, nova ação chamada “Ciência e Saúde”, que surgiu para cobrir uma lacuna, produzindo vídeos curtos, legendados, objetivos e animados, para serem exibidos nos ambulatórios e salas de espera dos campi da universidade. Neste mesmo ano, as produções

passaram a ser exclusivas, em parceria com a equipe de comunicação e laboratório de mídia da Pró-Reitoria de Extensão, e os produtos continuaram sendo enviados à Unitevê para a transmissão. A nova ação ganhou canal próprio no YouTube em 2016, embora as produções sejam replicadas no canal do EAS, para atingir maior número de espectadores/assinantes (Fig. 2).

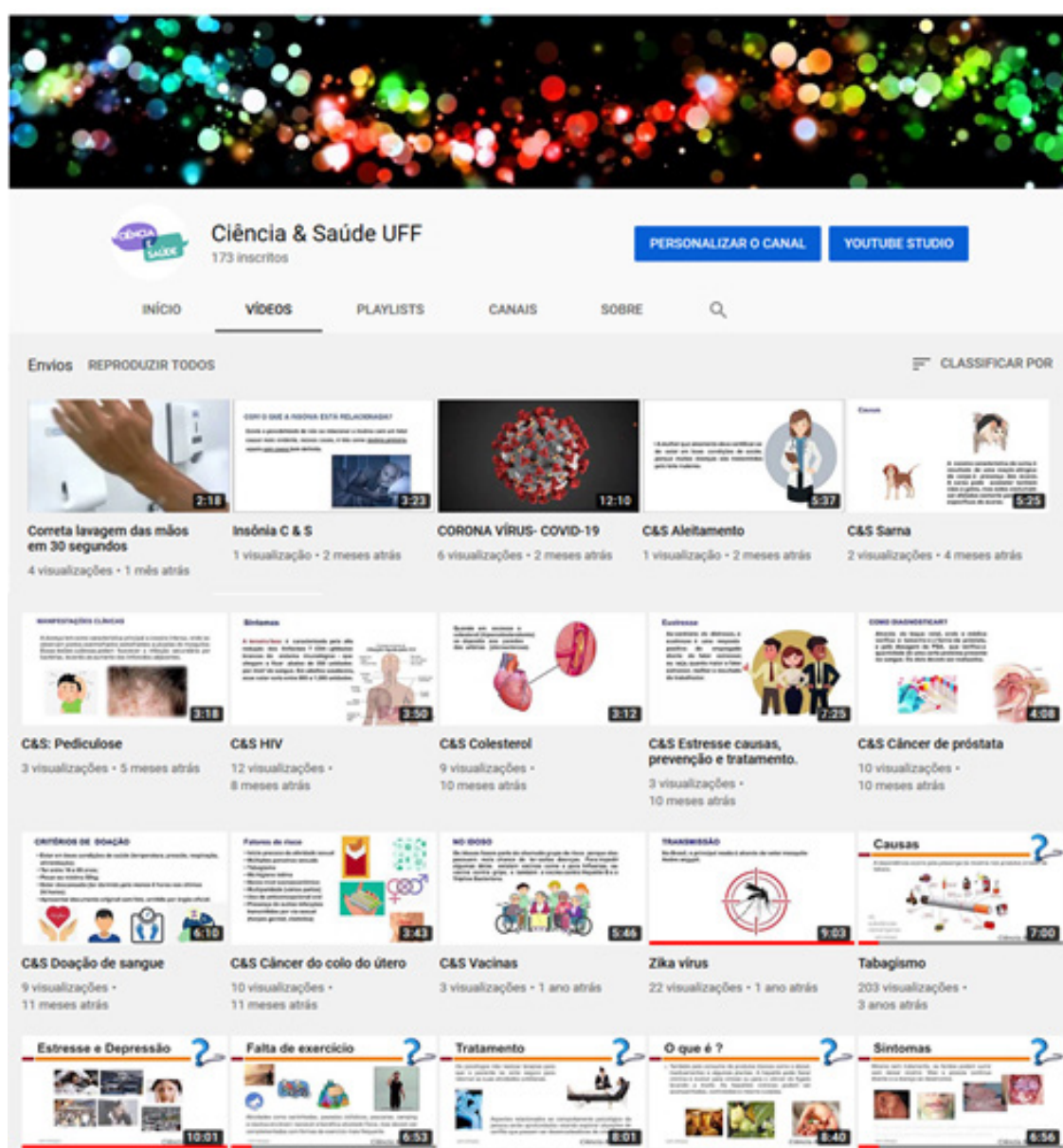


Figura 2. Canal no YouTube do Ciência &Saúde UFF.

Fonte: <https://www.youtube.com/c/Ci%C3%AanciaSa%C3%BAdeUFF/featured>

Em 2017, o programa ganhou novas logos para sua nova identidade visual, criada por bolsista da produção cultural. As imagens que são utilizadas atualmente contaram com a opinião dos seguidores, e trouxeram um ar de renovação (Fig. 3, 4 e 5).

O projeto tem como objetivo geral divulgar a produção de conhecimentos em ensino, pesquisa e extensão da UFF na área da saúde e cidadania. E, como objetivos específicos, criar e divulgar programas de TV com a temática de saúde e qualidade de vida, para serem publicados para a comunidade acadêmica e local.

O EAS favorece que a universidade ocupe mais espaço na mídia. Com isso, levanta-se a possibilidade de se levar informações baseadas em critérios científicos para a comunidade, e mostrar sua presença na mídia, marcando



Figura 3. Logomarca do "Espaço Aberto", 2017.



Figura 4. Logomarca do quadro "Ciência e Saúde", 2017.



Figura 5. Plano de fundo do cenário de gravação, 2017.

Fonte: Arquivos do programa.

posição no campo de excelência acadêmica com a participação da comunidade acadêmica. O projeto é formado por profissionais de saúde, professores universitários, técnicos, servidores e alunos de graduação; e o mais importante: os moradores, seguidores, a comunidade interna e externa à UFF.

A dinâmica funciona da seguinte forma: levantamento do tema de interesse por demanda da comunidade (ida aos locais, escuta ativa, gravações, e-mails, contatos pelas redes sociais); confecção do roteiro por acadêmicos de enfermagem; convite ao profissional a ser entrevistado pelo coordenador; marcação da filmagem em estúdio; gravação, com apresentação do coordenador e auxílio de acadêmicos de cinema, produção cultural, jornalismo

e enfermagem; edição pelos bolsistas de cinema e produção; revisão do material pelo coordenador e convidados; publicação do vídeo no canal; e compartilhamento. As dúvidas e interações ocorrem ininterruptamente, assim como a sugestão de novos temas por e-mail, chat do Facebook ou comentários do YouTube. Todos os participantes entrevistados assinam termo de cessão de imagem (Fig. 6).

O canal do EAS conta com mais de 100 vídeos e cerca de 1900 inscritos. As visualizações do canal são aproximadamente 120 mil (a soma das visualizações de todos os vídeos da página). O vídeo com tema “Colostomia (cuidados e tipos de ostomias)” foi o mais visualizado, assistido 72 mil vezes - dados de junho de 2020.



Figura 6. Participação da comunidade em praça pública, 2015.

Fonte: Arquivo digital do projeto.

As últimas gravações contaram com pesquisadores e especialistas respondendo a questões sobre: zoonoses, segurança do paciente, pessoas em situação de rua, aleitamento materno, cuidadores de idosos, SUS e financiamento em tempos de crise, cuidados com colostomia, toxicologia, vacinação de adultos, acompanhamento de parto por doulas, dentre outros.

Com a criação da ação extensionista “Ciência e Saúde UFF”, o material educativo ganhou apresentações animadas sobre os assuntos discutidos anteriormente com especialistas, para que a população recebesse informações variadas de forma ilustrada, dinâmica, bem pontual e resumida.

No ano de 2019, foram abordados temas como: febre mayaro, insônia, obesidade, práticas integrativas em saúde, microcefalia, leptospirose, animais peçonhentos, transplante, bactérias resistentes e infarto. O canal conta também com vídeos abordando as seguintes temáticas: HIV, colesterol, estresse, câncer de próstata, doação de sangue, câncer de colo do útero, zika, vacinas e o mais relevante e atual: COVID-19.

Tais produções são legendadas e reproduzidas nos monitores espalhados pela universidade, nas salas da reitoria, hospital universitário, ambulatórios e refeitórios. Em 2020, o “Ciência e Saúde UFF”, vendo a necessidade de abordar temas voltados para a COVID-19 devido à pandemia, abordou temas como: saúde mental, lavagem das mãos, uso correto de máscaras, dentre outros.

A iniciativa EAS busca desenvolver temas voltados ao atendimento das demandas da

população, e compreender a relação entre a história de vida e o processo saúde-doença-cuidado. Em 2018, o projeto recebeu o prêmio Vasconcelos Torres (2º lugar) na área de comunicação, na Semana Acadêmica da UFF, mostrando sua relevância e visibilidade dentro do âmbito acadêmico.

A nova empreitada é divulgar, de forma resumida no quadro “Ciência e Saúde”, um novo quadro chamado “Ciência e Saúde: Pesquisa”, que visará divulgar para a população os principais achados de pesquisas do mestrado em saúde coletiva da UFF. O piloto foi gravado este ano, e está em edição. O uso de tecnologias remotas, no ano de 2020, está reestruturando a dinâmica de trabalho.

Faz-se necessário utilizar estratégias a fim de identificar lacunas que, por meio da educação, possam ser preenchidas. O projeto contribui para o aprendizado dos seus contribuintes, porque além de tratar de saúde e estar relacionado à divulgação à comunidade, permite a ampliação e a troca de saberes com diversas áreas de conhecimento, além da interdisciplinaridade que se mostra presente em cada etapa deste programa extensionista.

O uso das tecnologias para divulgação e promoção à saúde permite o levantamento e produção de informações direcionadas às demandas do público-alvo, nesse caso a comunidade interna e externa à universidade. Essas novas ferramentas corroboram para a resolubilidade dos desafios estruturais de saúde encontrados na sociedade, tais como o déficit de conhecimento sobre o calendário vacinal, doenças venéreas e hábitos de higiene saudáveis (SILVA et al, 2019).

REFERÊNCIAS

FIGUEIREDO JÚNIOR, A. M. et al. Percepção de acadêmicos de Enfermagem sobre educação em saúde na perspectiva da qualificação do cuidado. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 1, p. e1964, 2020.

LIMA, G. C. DE B. B. et al. Educação em saúde e dispositivos metodológicos aplicados na assistência ao Diabetes Mellitus. **Saúde em Debate**, v. 43, n. 120, p. 150-158, 2019.

MOREIRA, Marcela Nojiri et al. Health education in undergraduate nursing teaching. **Rev Enferm Atenção Saúde**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 61-70, Jan/jul 2019. DOI 10.18554/reas.v8i1.3362.

MISKOLCI, R.; PEREIRA, P. P. G. Educação e Saúde em disputa: movimentos anti-igualitários e políticas públicas. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, p. 1-14, 2019.

SILVA, G.; RIBEIRO, I. Educação em saúde em um encontro de gestantes: relato de experiência de acadêmicas de Enfermagem. **Caminho Aberto: revista de extensão do IFSC**, p. 57-61, 2019.

SILVA, N. V. N. et al. . Tecnologias em saúde e suas contribuições para a promoção do aleitamento materno: revisão integrativa da literatura. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 24, n. 2, p. 589-602, Feb. 2019

LABORATÓRIO ABERTO:

DIVULGANDO A CIÊNCIA COM BASE NA MEDICINA VETERINÁRIA

¹ Professora do Departamento de Patologia e Clínica Veterinária (MCV) da Faculdade de Veterinária Universidade Federal Fluminense (UFF) Niterói - RJ; Coordenadora do Programa Laboratório Aberto. E-mail: alinems@id.uff.br.

Aline Moreira de Souza¹

Gerlaine dos Santos Barbosa²

Carla Gabriela Bomfim Palermo³

Marcia de Souza Xavier⁴

² Graduanda da Faculdade de Veterinária da UFF; Bolsista do Programa Laboratório Aberto.

³ Graduanda da Faculdade de Veterinária da UFF; Bolsista do Projeto Campanha de Conscientização sobre Doenças Transmitidas por Vetores.

⁴ Professora do MCV da Faculdade de Veterinária da UFF, Niterói- RJ; Coordenadora do Projeto Campanha de Conscientização sobre Doenças Transmitidas por Vetores.

RESUMO

O programa Laboratório Aberto nasceu como um projeto de extensão do Laboratório de Patologia Clínica Veterinária, vinculado ao Departamento de Patologia e Clínica Veterinária da Universidade Federal Fluminense (MCV/UFF), em 2018. Com o objetivo de apresentar o mundo microscópico e a importância do diagnóstico e prevenção de doenças em animais e humanos, associando conceitos de saúde única e biossegurança, um grupo de alunos de graduação e pós-graduação em medicina veterinária vem atuando voluntariamente, desenvolvendo atividades educativas e a habilidade de transmitir conhecimento a todos, independente do grau de instrução. De forma lúdica e interativa, os conceitos vêm sendo apresentados: células do sangue podem ser um exército no combate aos parasitas vilões, e formas de prevenção de doenças são transformadas em passatempos. Assim, a ciência vai sendo divulgada de uma forma mais divertida e criativa, despertando vocações em futuros cientistas. A proposta, que antes ocorria somente no Laboratório de Patologia Clínica Veterinária da UFF, se expandiu em 2019 para escolas e praças e, em 2020, se reinventou e atingiu outros estados, utilizando as redes sociais. De forma exclusivamente virtual, o Laboratório Aberto vem divulgando conceitos de saúde única e zoonoses, além de informações e orientações sobre a pandemia de COVID-19, elaborados por uma equipe crescente e engajada. As postagens obtiveram grande alcance e o retorno dos seguidores tem sido predominantemente positivo, motivando ainda mais a equipe e reafirmando que estamos no caminho certo, atingindo os objetivos e transpondo, em muito, os muros da Universidade.

Palavras-chave: educação, sociedade, ludicidade, vocações, medicina veterinária.

ABSTRACT

The *Laboratório Aberto* (Open Lab) program was born as an extension project of the Veterinary Clinical Pathology Laboratory, linked to the Veterinary Clinic and Pathology Department of the Fluminense Federal University (MCV/UFF), in 2018. With the purpose of presenting the microscopic world and the importance of disease prevention and diagnosis in animals and humans, combining concepts of one health and biosafety, a group of undergraduate and graduate students in veterinary medicine has been acting as volunteers, developing educational activities as well as the ability to transmit knowledge to everyone, regardless of educational background. The concepts are presented in a playful and interactive way: blood cells can be an army fighting parasitic villains, and the ways for preventing diseases are turned into games. Thus, science is being disseminated in a funnier and more creative way, awakening vocations in future scientists. The proposal, which previously took place only at the UFF Veterinary Clinical Pathology Laboratory, was expanded in 2019 to schools and parks, and in 2020, reinvented itself and reached other Brazilian states, by using social networks. In an exclusively virtual way, the Open Lab program has been spreading concepts of one health and zoonoses, in addition to information and guidance on the COVID-19 pandemic, prepared by a growing and engaged team. The posts had wide reach and the feedback from the followers has been predominantly positive, motivating the team even further and reaffirming that we are on the right track, reaching our goals and breaking, by a lot, through the University walls.

Keywords: education, society, playfulness, vocations, veterinary medicine.

BREVE HISTÓRICO

O programa Laboratório Aberto foi inspirado no desejo de partilhar a ciência com todos, independente de idade ou do grau de instrução, e assim contribuir para o desenvolvimento social. O público-alvo foi o infante-juvenil, devido a sua curiosidade, que é o que move a ciência. E isso veio associado à iniciativa da Faculdade de Veterinária de abrir as portas para a sociedade, no evento Ações de Extensão em Medicina Veterinária. Com o projeto pronto, alunos de graduação e pós-graduação em medicina veterinária, técnicos e professores que atuavam no Laboratório Clínico Veterinário do Hospital Uni-

versitário de Medicina Veterinária Professor Firmino Mársico Filho (LABHUVET) foram convidados para compor a equipe e desenvolver materiais lúdicos para o primeiro evento. Assim, em maio de 2018, abrimos, pela primeira vez para a sociedade, as portas do Laboratório de Pesquisa Clínica e Diagnóstico Molecular Professor Marcílio Dias do Nascimento (LAMADIN), que é o Laboratório de Patologia Clínica Veterinária, utilizado em aulas e pesquisa na Faculdade de Veterinária da UFF. Jalecos descartáveis foram doados e todo o ambiente e equipamentos higienizados. Muito trabalho de cerca de 20

voluntários que faziam parte da equipe e se empenharam em fazer o melhor. Aproximadamente 100 pessoas, principalmente crianças, fizeram deste primeiro evento um sucesso, com muita procura.

Desde então, a equipe vem crescendo e desenvolvendo habilidades e conhecimentos na arte de educar, o que tem rendido muitos frutos e reconhecimento do público. Em eventos realizados dentro da universidade, em praças e em colégios, crianças e adultos, de 2 a 80 anos, que nunca tiveram contato com equipamentos de laboratório, foram orientados quanto ao uso do microscópio e puderam visualizar lâminas de esfregaço sanguíneo, analisadas na rotina do patologista clínico veterinário do LABHUVET/UFF. Os visitantes puderam observar as diferenças entre células sanguíneas de animais, além de hemoparasitas e outras alterações que levariam ao diagnóstico da doença, sempre associando o conceito de saúde única (animais, homem e meio ambiente), informações sobre zoonoses, instruções básicas de biossegurança e tutoria responsável. E, assim, as informações vêm sendo multiplicadas.

Em 2020, com a pandemia, foi necessário que o projeto se reinventasse para alcançar a comunidade à distância, levando informação, conteúdo e conscientizando a população com a mesma eficácia que nos anos anteriores, de forma presencial. Assim, a equipe coesa e crescente de estudantes de medicina veterinária, mesmo que distante fisicamente, foi se organizando, dividindo tarefas, compartilhando ideias e conhecimentos, estudando e trabalhando de forma dedicada para manter o projeto ativo, através das redes sociais.

A MOTIVAÇÃO E A BASE PARA CRIAÇÃO DO LABORATÓRIO ABERTO

Atividades práticas em laboratórios podem ajudar o estudante a entender e memorizar fenômenos interessantes relacionados às ciências, despertando sua curiosidade. Segundo dados do censo escolar do INEP (2018), apenas 44% das escolas de ensino médio do Brasil têm laboratórios de ciências. Em Niterói, este número sobe para 58%. Com relação ao ensino fundamental, somente 12% das escolas brasileiras e 34% das escolas de Niterói têm este espaço de aprendizado. Além disso, muitas das escolas que dispõem de laboratórios não oferecem aulas práticas devido à falta de materiais e manutenção, falta de tempo para preparo da aula, turmas muito grandes e indisciplina, entre outros fatores. Entretanto, também de nada adianta a escola apresentar um laboratório equipado e este não ser utilizado para um ensino ativo de aprendizagem. O estudo de ciências deve ser dinâmico e instigador, não podendo ficar preso a fórmulas no papel, movimentos repetidos ou espaços físicos. (BORGES, 2002)

A medicina veterinária, enquanto profissão originada das ciências, é fundamental para a manutenção da saúde única, uma vez que conta com profissionais habilitados para atuar de forma direta na saúde humana e animal e no meio ambiente. O médico veterinário realiza diagnóstico clínico e laboratorial de doenças zoonóticas (transmitidas entre animais e humanos) ou não, promovendo controle, prevenção e vigilância epidemiológica; além disso, lidera pesquisas que resultam na descoberta de fármacos para tratamento humano e animal e na produção de soros e vacinas. Também garante segurança

ao consumidor, pois é responsável pela inspeção de produtos de origem animal e vigilância sanitária (GURGEL, 2007; BARBOSA et al, 2011; GOMES, 2017; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019; OMS, 2020). Além disso, o papel do médico veterinário enquanto profissional de saúde tem se destacado durante a atual pandemia de COVID-19, seja na atuação direta no diagnóstico, seja nos testes para vacinas ou fabricação de soro, ou ainda na educação quanto às medidas preventivas contra o SARS-COV-2 (DINIZ et al, 2020; HONORATO et al, 2020). A dedicação desses profissionais em promover a saúde vai além, quando são criadas ações que visam a conscientizar e instruir a população, como é o caso das atividades de extensão universitária (UNES, SILVA, 2011; DINIZ et al, 2020).

A reflexão sobre esses fatos fez surgir, do aprendizado no Laboratório de Patologia Clínica Veterinária da UFF, uma semente para ensinar a ciência por meio de visualização microscópica, vídeos, jogos, histórias em quadrinhos, entre outros, de forma divertida e instigadora, trabalhando situações vivenciadas por todos (ANDRADE, SANCHES, 2004; CORREA et al, 2016). Um Laboratório de Patologia Clínica Veterinária é o espaço onde ocorre o processamento de exames utilizando amostras biológicas animais, tais como sangue, fezes, urina e outras, incluindo também a interpretação dos resultados obtidos. Esses exames são importantes para diagnosticar doenças nos animais, inclusive zoonoses, e complementar a avaliação clínica de um paciente. Os principais exames de rotina clínico-laboratorial de animais, semelhantes aos de humanos, são os hemogramas, perfis bioquímicos, exames imunológicos, urinálise e diagnóstico de parasitas. Para a realiza-

ção destes exames, existe a necessidade do aprendizado da manipulação de equipamentos como microscópios, centrífugas, vidrarias, entre outros, além de diversos conteúdos aprendidos na faculdade de veterinária, para o entendimento das alterações encontradas e associação com a saúde única (ALMOSNY, 2002, STOCKHAM, SCOTT, 2011; GOMES, 2017, MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2019). Além disso, no laboratório, boas práticas laboratoriais devem ser adotadas e lembradas diariamente, como o uso de equipamentos de proteção individual (EPI), que incluem jalecos e luvas, com base na biossegurança, para minimizar riscos (LABARTHE, PEREIRA, 2008; PEREIRA et al, 2010).

Na maioria das vezes, esse conhecimento fica restrito ao meio acadêmico, não alcançando a sociedade. O programa Laboratório Aberto, então, como um programa de extensão universitária, veio para abrir esse conhecimento acadêmico desenvolvido para a sociedade em geral, visando melhorar a preservação do bem-estar, da vida e do meio ambiente. Com uma visão de saúde única, várias ações interativas vêm sendo desenvolvidas com a sociedade, que cada vez mais entende a importância do papel do médico veterinário neste contexto.

PROJETOS QUE INTEGRAM O PROGRAMA LABORATÓRIO ABERTO

Três projetos de extensão do MCV integram o Laboratório Aberto: Atividades de Biossegurança no HUVET UFF, Apoio Diagnóstico em Patologia Clínica Veterinária no Hospital Universitário HUVET-UFF e Campanha de Conscientização sobre Doenças Transmitidas por Vetores. Estes projetos foram criados

anteriormente ao programa e vêm ganhando novos rumos com a ampliação e divulgação de seus conteúdos nos eventos presenciais, e agora, também nas redes sociais. Todos estes projetos ocorrem no LABHUVET e são desenvolvidos por alunos de graduação e pós-graduação em medicina veterinária da UFF. Essa captação de recursos humanos para o desenvolvimento dos conteúdos propostos é contínua e o engajamento ao programa é voluntário. Atualmente, a equipe conta com 23 alunos de graduação em medicina veterinária, quatro residentes, duas mestrandas e duas técnicas, coordenados por duas professoras. Ensino, pesquisa e extensão são desenvolvidos simultaneamente e de forma crescente, contribuindo para a formação de profissionais em medicina veterinária mais conscientes de seu papel na sociedade.

OBJETIVOS

O programa tem por objetivos apresentar o mundo microscópico e a importância dos exames laboratoriais para diagnóstico de doenças nos animais e humanos, além de formas de prevenção e conceitos de saúde única e biossegurança ao público, em especial crianças e adolescentes, estimulando a curiosidade pelo mundo da ciência e formando amplificadores da informação. Esses objetivos se estenderam em 2020 para que, mesmo remotamente, conseguíssemos disponibilizar o que era oferecido presencialmente durante as ações, e ainda inserir informações sobre a COVID-19 e ampliar o público.

METODOLOGIA

Foram criadas páginas nas mídias sociais Facebook (<https://www.facebook.com/labora->

[torioabertouff](https://www.instagram.com/laboratorioabertouff/)) e Instagram (<https://www.instagram.com/laboratorioabertouff/>), e produzidas postagens com programas e aplicativos como Canva, InShot, Photoscape, Sony Vegas Pro, Word, CamScanner, E futuro e câmera e gravador de smartphones. O alcance das postagens foi avaliado com os recursos estatísticos do Instagram e Facebook. Além disso, foi utilizado formulário do Google Forms para fazer levantamento das regiões e localidades que mais visitaram/curtiram as postagens e opiniões sobre o programa. Foram confeccionados vídeos ou esquemas sobre equipamentos, exames diagnósticos e doenças frequentes na rotina laboratorial veterinária, de forma lúdica e interativa, contribuindo com o aprendizado e estimulando o interesse pela ciência. Também foram apresentadas informações e orientações sobre a COVID-19, esclarecendo sobre os testes diagnósticos, descarte correto de equipamentos de proteção individual (EPI) e cuidados com os animais na quarentena. Foram elaborados materiais lúdicos, como vídeos ensinando crianças a fazerem microscópio de brinquedo reciclável e esfregação com tinta guache, jogos e quebra-cabeça. Foram confeccionados quizzes nos stories do Instagram, que ficavam disponíveis durante 24h e objetivavam reforçar o conhecimento e abrir espaço para interação com os seguidores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste período de grandes mudanças provocadas pela pandemia de COVID-19, o Laboratório Aberto manteve o compromisso de divulgar a ciência, estimulando e incentivando vocações. Em 2020 as redes sociais do Laboratório Aberto permitiram a execução das ações de extensão, tendo, até então, 888 seguidores no Instagram

e 521 no Facebook. Essa nova fase do projeto ampliou o alcance e o número de pessoas conscientes do papel do médico veterinário, inclusive no contexto pandêmico atual.

Somado a isso, o público infanto-juvenil que tem preferência por atividades digitais despertou maior interesse pelos conteúdos. Hoje contamos com mais de 60 textos publicados no formato de posts no Instagram (com temas distintos) e 25 vídeos, além de 38 quizzes, com alcance total de 27.824 pessoas. Os seguidores tiveram acesso a vídeos didáticos e divertidos, relacionados ao diagnóstico e prevenção de várias doenças, incluindo zoonoses (como raiva e leishmaniose), e orientações sobre os cuidados na pandemia da COVID-19 para suas famílias e animais. Foi ensinado como criar brinquedos tais como microscópio reciclável e lâminas para esfregação com tinta guache, incentivando brincadeiras educativas entre responsáveis e crianças durante a quarentena, a fim de equilibrar as interações virtual e pessoal.

O levantamento com formulário do Google Forms indicou que quase 100% dos seguidores reconhecem a relevância da ação de extensão do programa e o recomendariam aos seus familiares. Foi possível constatar que esses seguidores compartilham os conteúdos com crianças e adolescentes, confirmando que as informações se espalham. E, ainda, que aprenderam com as postagens. As ações do programa mantiveram docentes e discentes motivados durante o isolamento social, e o público se manteve informado com postagens que buscavam estimular o interesse pela ciência. Com as redes sociais, os objetivos do projeto para divulgação da ciência foram cumpridos e o retorno do público - através

do alcance das publicações, avaliação do projeto e retorno sobre o conhecimento obtido através de suas páginas - deixou evidente que foi possível alcançar e conscientizar a população à distância. Ao fazer um balanço dessa ação remota, pudemos verificar um alcance de público em outras cidades, como Rio de Janeiro, São Gonçalo, Teresópolis, Maricá, Itaboraí, Cachoeiras de Macacu, Petrópolis e Volta Redonda, além de atingir outro estado da federação, Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte. Esse fato não ocorreria no modo presencial, mostrando um enorme ganho para o programa e para a população.

O LABORATÓRIO ABERTO: PERSPECTIVAS

O Laboratório Aberto é um programa vivo, fruto de muito estudo e de muitas mãos e pensamentos. Ainda temos um grande caminho de adaptação às redes sociais e ao novo formato de ação remota, pensando e modificando as atividades presenciais. Isso nos estimula a vencer os desafios e construir parcerias, de forma a atender as demandas da sociedade. Entendemos que o desenvolvimento social e o crescimento potencial do programa são inerentes à atividade e que o lúdico abre caminhos do coração, que marcam para sempre, tanto quem participa como expectador, quanto quem é escritor e ator nessa vivência. Assim, nossa perspectiva é ampliar ainda mais o alcance do programa, divulgando o ensino, a pesquisa e a extensão universitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O programa Laboratório Aberto alcançou uma ressignificação no período de isolamento social causado pela pandemia, uma vez

que, com o processo de educação da população por atividades remotas, o programa se reinventou e seus integrantes tiveram um extraordinário crescimento. Esse resultado evidencia ainda mais a importância da extensão universitária na educação da popula-

ção, ao promover a cidadania e a conscientização social, principalmente em contexto pandêmico, no qual a troca de informação é instantânea e ilimitada, tornando mais urgente a necessidade de garantir o predomínio de informação segura e de qualidade.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, O. G.; SANCHES, G. M. M. B. Aprendendo com o Lúdico. In: O desafio das letras, 2004, Rolândia, Anais. Rolândia: FACCAR, 2005. ISSN: 1808-2548

ALMOSNY, N. R. Hemoparasitoses em pequenos animais domésticos e como zoonoses. Rio de Janeiro: LF Livros LTDA, 2002. 135p.

BARBOSA, A. D.; MARTINS, N. R. S.; MAGALHÃES, D. F. Zoonoses e Saúde Pública: Riscos da Proximidade Humana com a Fauna Silvestre. *Ciência Veterinária nos Trópicos*, Recife, v. 14, n. 1, p. 1-9, dez. 2011.

BORGES, A.T. Novos rumos para o Laboratório escolar de ciências. *Cad. Brás. Ens. Fís.*, v. 19, n.3: p.291-313, dez. 2002

CÔRREA, A. D., VIEIRA, V., VELLOSO, V. P. LAMLEC: A Dimensão Lúdica no Ensino de Ciências. *Revista Práxis*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, p. 63-80, jun., 2016. DINIZ, E. G. M., et al. A extensão universitária frente ao isolamento social imposto pela COVID -19. *Brazilian Journal of Development*, Curitiba, v. 6, n.9, p. 72999-73010, set., 2020.

GOMES, L. B. Importância e atribuições do médico veterinário na saúde coletiva. *Sinapse Múltipla*, Brasília, v. 6, n. 1, p. 70-75, jul. 2017.

GURGEL, I. G. D. A pesquisa científica na condução de políticas de controle de doenças transmitidas por vetores. 2007. 311 f. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Fundação Oswaldo Cruz, Centro de Pesquisas Aggeu Magalhães, Recife, 2007.

HONORATO, H. G., MARCELINO, A. C. K. B. A Arte de Ensinar e a Pandemia COVID-19: A Visão dos Professores. *REDE: Revista Diálogos em Educação*, v. 1, n.1, p. 208-220, jan./jun., 2020.

INEP, 2018. http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/dados-do-censo-escolar-noventa-e-cinco-por-cento-das-escolas-de-ensino-medio-tem-acesso-a-internet-mas- apenas-44-tem-laboratorio-de-ciencias/21206. Acesso em 15/10/2020

INEP, 2018. https://www.qedu.org.br/cidade/2781-niteroi/censo-escolar?year=2018&dependence=0&localization=0&education_stage=0&item=. Acesso em 15/10/2020

LABARTHE, N; PEREIRA, M. E. C. Biossegurança na experimentação e na clínica veterinária pequenos animais. *Ciência Veterinária nos Tópicos*, Recife, Pernambuco, v. 11, suplemento 1, p.153-157, 2008.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Guia de Vigilância em Saúde*. 3ª edição, Brasília, 2019.

PEREIRA, M. E. C.; COSTA, M. F. A.; CINTIA M. B.; JURBERG, C. Construção do Conhecimento em Biossegurança: uma revisão da produção acadêmica nacional na área de saúde (1989-2009). *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v.19, n.2, p.395-404, 2010.

STOCKHAM, S. L.; SCOTT, M. A. *Fundamentos de Patologia Clínica Veterinária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. 744p.

UNES, A. L. P. F.; SILVA, M. .B. C. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. *Mal-Estar e Sociedade*, Barbacena, v. 4, n. 7, p. 119-133, dez. 2011. WHO (World Health Organization). *Vector-borne diseases*. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/soil-transmitted-helminth-infections>. Acesso em: 01 out. 2020.

OFICINA DE MÚSICA NO AUTISMO:

ENCONTROS AUTÊNTICOS E DIFERENÇA HUMANA

¹ Prof. Adjunto de
Neuropsiquiatria Infantil
Departamento
Materno-Infantil - UFF

Stephan Malta Oliveira¹
Luísa Azevedo Damasceno²
Nathalie Emannelle Hoffman³

Letícia Azevedo Damasceno⁴
Cecília Albuquerque Reynaud Schaefer⁵
Alba Cristina Martins da Silveira⁶

² Universidade Federal
Fluminense - UFF
Doutoranda em
Psicologia - UFF

³ Universidade Federal
Fluminense - UFF
Psicóloga formada
pela UFF

⁴ Universidade Federal
Fluminense - UFF
Estudante de
Psicologia - UFF

⁵ Universidade Federal
Fluminense - UFF
Psicóloga formada
pela UFF

⁶ Universidade Federal
Fluminense - UFF
Estudante de
Medicina - UFF

RESUMO

O objetivo do presente artigo consiste em apresentar um projeto extensionista desenvolvido na Universidade Federal Fluminense - Projeto Tambores, Cordas e Cantos Plurais - bem como em discutir alguns pressupostos que o fundamentam. O Projeto consiste em uma oficina de música voltada para crianças com autismo, a qual se baseia na técnica da interação e improvisação musical, ou seja, em uma interação que se dá por meio do uso livre e improvisado dos instrumentos musicais, tendo por objetivos promover o bem-estar, melhorar a qualidade de vida e possibilitar a abertura da criança ao mundo bem como o aumento de sua potência vital, favorecendo a manifestação de suas potencialidades. O Projeto se fundamenta na musicoterapia de improvisação, na filosofia do encontro, de Martin Buber e Emmanuel Lévinas, e no paradigma da neurodiversidade., o qual reconhece o autismo como uma diferença e não como uma doença. O trabalho tem cumprido com seus objetivos, no sentido da construção de uma prática interdisciplinar, que integra docentes, profissionais e discentes de várias áreas, bem como possibilitado a construção de encontros autênticos com as crianças, reconhecendo-as em sua unicidade e incomparabilidade, em sua forma única de existir, contribuindo para a valorização da diferença humana.

Palavras-chave: autismo, oficina de música, filosofia do encontro, neurodiversidade, diferença humana

ABSTRACT

The aim of this article is to present an extension project developed at the Fluminense Federal University – Tambores, Cordas e Cantos Plurais Project - as well as to discuss some assumptions that underlie it.

The Project consists of a music group aimed at children with autism, which is based on the technique of musical interaction and improvisation, that is, an interaction that takes place through the free and improvised use of musical instruments, with the aim of promoting the well-being, improve the quality of life and enable the opening of the child to the world as well as the increase of their vital potency, favoring the manifestation of their potential. The Project is based on improvisational music therapy, on the philosophy of encounter, by Martin Buber and Emmanuel Lévinas, and on the paradigm of neurodiversity, which recognizes autism as a difference and not a disease. The work has fulfilled its objectives, in the sense of building an interdisciplinary practice, which integrates teachers, professionals and students from various areas, as well as enabling the construction of authentic encounters with children, recognizing them in their uniqueness and incomparability, in its unique way of existing, contributing to the enhancement of human difference.

Key-words: autism, music group, philosophy of the encounter, neurodiversity, human difference

BREVE HISTÓRICO

O projeto “Tambores, Cordas e Cantos Plurais” consiste em um projeto de extensão realizado na Universidade Federal Fluminense que inclui uma oficina de música voltada para crianças que apresentam dificuldades na interação social e na comunicação, categorizadas dentro do espectro autista, segundo o DSM-5 (APA, 2014). A oficina consiste em uma musicoterapia de improvisação em grupo, fundamentada nos referenciais da filosofia do encontro, de Martin Buber e Emmanuel Lévinas, e no paradigma da neurodiversidade.

A ideia de “cantos plurais” diz respeito à valorização das múltiplas formas de existência e comportamento humano, sem valorizar algumas dessas formas em detrimento às demais, ou seja, sem estabelecer hierarquias entre seres humanos, como o faz o “ideal normalizador” que, ao separar os “normais” dos “anor-

mais”, segrega, exclui e reforça o capacitismo, que é o preconceito contra as pessoas com deficiência, segundo o qual o valor de um ser humano é dado por suas capacidades físicas ou mentais, performances e produtividade, e não intrínseco ao próprio ser.

Outro importante ponto a se considerar é o fato de o projeto oferecer uma abordagem terapêutica não farmacológica para crianças, podendo ser complementar ou mesmo substitutivo à psicofarmacoterapia, contribuindo desta maneira para a redução do uso indiscriminado de psicotrópicos na infância e de seus consequentes riscos, mais especificamente no autismo, dentro da lógica da prevenção quaternária (TESSER, 2012). Além disso, ao conceber a variabilidade natural das múltiplas formas de existência humana, objetiva-se contribuir para processos de desmedicalização, bem como para o reconheci-

mento e valorização da diferença, singularidade e diversidade humana.

OBJETIVOS

Os objetivos gerais do projeto consistem em promover o bem-estar e a melhoria da qualidade de vida dos participantes assim como a abertura da criança ao mundo e o desenvolvimento de sua potência vital, por meio do estabelecimento de encontros autênticos, respeitando-se a singularidade e alteridade de cada uma. Além disso, busca-se construir uma prática de produção de vida e sentido, de cuidado e responsabilidade com o outro em situação de vulnerabilidade, de respeito e valorização da diferença humana. Compreende-se os sujeitos participantes mais em termos das múltiplas possibilidades de existência do que propriamente em termos de doença/patologia, sem deixar de reconhecer o pathos, em seu aspecto etimológico, que remete ao sofrimento psíquico e não se reduz à noção de doença, presente nas formas autísticas de ser-no-mundo.

Parte-se do pressuposto de que, criando-se encontros autênticos com os participantes e promovendo práticas de produção de vida e sentido, que aumentam a potência vital, haja uma facilitação para o desenvolvimento secundário das potencialidades cognitivas, sociais, emocionais, psicomotoras e comunicativas das crianças, ou seja, de seu desenvolvimento integral.

METODOLOGIA

A oficina de música destina-se a crianças com até dez anos de idade, com dificuldades na interação social e na comunicação,

sendo composta por até sete crianças. Por estar vinculado a outros projetos de pesquisa e extensão da UFF, o projeto conta com uma equipe interdisciplinar formada pelo coordenador, estagiários/as de psicologia e medicina, monitores e profissionais voluntários/as da saúde ou educação. Busca-se valorizar o trabalho de mediação feito por cada técnico, no sentido de facilitar a interação entre as crianças, bem como a exploração do ambiente por elas. Os familiares também participam ocasionalmente da atividade, de acordo com as demandas e particularidades de cada paciente.

A oficina de música consiste em uma musicoterapia de improvisação, baseada na técnica da interação musical, segundo a qual as crianças se expressam entre si e juntamente com os demais técnicos, por meio do uso livre e improvisado dos instrumentos musicais. São utilizados instrumentos de corda (violão, cavaquinho), de percussão e sopro, além de reco-reco e chocalhos, entre outros. O projeto é avaliado por meio de relatos dos familiares, da observação do paciente e de relatos dos próprios técnicos que, ao término de toda atividade, discutem o funcionamento da oficina.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Musicoterapia de improvisação

Um elemento de grande importância, que se encontra presente nas trocas afetivo-comunicativas primárias, é a chamada musicalidade comunicativa. Este termo foi cunhado por Stephen Malloch (MALLOCH; TREVAR-THEN, 2009) e é definido como a capacidade humana inata para a produção e apreciação

musical. Tal noção se fundamenta na similaridade entre os elementos presentes na comunicação humana e na música, como os elementos de ritmo, tempo, intensidade, tonalidade e mesmo o silêncio.

Este fenômeno confere significados afetivos às trocas interativas humanas e possibilita, conseqüentemente, a emergência dos significados semânticos. É a partir dos ritmos, pulsos temporais, intensidades e tonalidades, ou seja, das formas de vitalidade presentes nos processos interativos e intersubjetivos (STERN, 2010), que as trocas comunicativas são possíveis. Há vários estudos que comprovam a eficácia da musicoterapia de improvisação no autismo (KIM, WIGRAM e GOLD, 2008; OLIVEIRA e LAMPREIA, 2017).

Filosofia do Encontro

Consideramos esta nomenclatura, “filosofia do encontro”, bastante apropriada para agrupar a obra destes dois grandes pensadores do mundo ocidental: Martin Buber e Emmanuel Lévinas, uma vez que ambos enfatizam, cada um a seu modo, a importância da construção de encontros autênticos para a realização do ser humano.

Buber (1982) mostra que as relações interpessoais podem ser caracterizadas por relações eu-tu, ou seja, pessoa-pessoa, ou por relações eu-isso, pessoa-objeto. O genuíno encontro autêntico, para Buber, é o encontro entre o eu e o tu, no qual o outro ser humano é compreendido como uma presença, com quem eu entro em relação, reconhecido em sua unicidade e incomparabilidade, em seu modo único de existir. Por outro lado, as relações eu-isso são aquelas em que o outro ser humano

é um objeto de minha representação, sendo, portanto, objetificado, coisificado.

Lévinas (2005) segue o caminho traçado por Buber na formulação do que vem a ser os encontros autênticos, face-a-face, inter-humanos. Segundo o pensador franco-lituano, somos convocados a nos responsabilizar pela alteridade, em sua diferença radical, qualquer que seja esta diferença (OLIVEIRA et al, 2021). E é justamente a criação de encontros autênticos, por meio do cuidado e da responsabilidade pelo outro, sobretudo por aquele que se encontra em situação de maior vulnerabilidade, que possibilita a realização do ser humano bem como sua humanização; ou seja, o tornar-se humano. Lévinas (2005) afirma ainda que qualquer tentativa de compreensão totalizante do ser, de reduzir a alteridade radical em sua totalidade à representação do eu, como o faz a ontologia, de comparar aquele/a que é incomparável, consiste em uma violência contra a alteridade; que anula sua diferença radical. Nós devemos, na verdade, sustentar o caráter inassimilável e inapreensível, o mistério que o outro representa.

Na oficina de música, buscamos justamente criar encontros autênticos com as crianças, por meio do cuidado e da responsabilidade por elas, de uma abertura mútua que se dá através da interação musical, respeitando seu modo de ser, sua singularidade, sempre tomando cuidado para que a nomenclatura diagnóstica não se sobreponha à unicidade de cada uma delas, para que a riqueza e a beleza de sua singularidade não sejam reduzidas à identidade rígida do diagnóstico, ou seja, para que as relações Eu-Iso não se sobreponham às relações Eu-Tu.

O paradigma da Neurodiversidade

O termo neurodiversidade foi cunhado pela socióloga australiana e autista, Judy Singer, no final dos anos 90. Este termo se refere a uma conexão neurológica atípica (atypical neurological wiring) em virtude da variabilidade natural do genoma humano, que, por sua vez, resulta em uma variabilidade natural do funcionamento neuronal (ORTEGA, 2008). Os ativistas do movimento da neurodiversidade defendem que o autismo não é uma doença, algo a ser curado, mas uma diferença e identidade, que deve ser respeitada.

Segundo o ativista autista e psicólogo Nick Walker (2013), no paradigma da neurodiversidade, as variações na configuração e no funcionamento dos cérebros humanos devem ser vistas como formas saudáveis, valiosas e naturais da diversidade humana. Como afirma o educador canadense Thomas Armstrong (2012), não há algo como um “cérebro ideal” em torno do qual todos os demais devam ser comparados.

Este movimento opera segundo o mesmo lema dos movimentos da deficiência: “nothing about us without us” (“nada sobre nós sem nós”), fazendo com que os sujeitos autistas se tornem protagonistas nas decisões acerca de sua própria condição. Trata-se de um movimento criado, sobretudo, por autistas considerados de “alto funcionamento”, verbais. No entanto, alguns autistas não verbais, que se comunicam pela escrita, também aderem ao paradigma da neurodiversidade, como são os casos de Amy Sequenzia e Ido Kedar.

O movimento da neurodiversidade é também conhecido como movimento anti-cura,

por defender a ideia de que “cura pressupõe doença”, o que não seria o caso. Integrantes do movimento criticam o que chamam de modelo médico do déficit, da tragédia, que enfatiza aquilo que “falta” na pessoa autista e não suas potencialidades; defendem, ao mesmo tempo, que o binômio doença/cura, quando levado às últimas consequências, resulta em práticas e políticas eugênicas, por considerar algumas formas de vida menos legítimas, com menos valor, que outras. O resquício do pensamento eugenista, nos dias atuais, se dá no capacitismo (DIAS, 2013), fortemente presente no discurso médico, no qual a ideia de “defeito e anormalidade” é tomada como verdade incontestável e não como social e historicamente construída. Tal pensamento acaba permeando o imaginário do senso comum e contribuindo para práticas preconceituosas e discriminatórias efetuadas contra as pessoas autistas e com deficiência em geral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por se tratar de uma prática interdisciplinar, observa-se que este projeto vem possibilitando a construção de um espaço de trocas de experiências entre alunos e profissionais, constituindo-se como uma ação extensionista de caráter dialógico interdisciplinar - integrado horizontal (diferentes cursos e áreas) e verticalmente (alunos da graduação, pós-graduação, profissionais e docentes).

Com relação às crianças, tem-se verificado, a partir dos relatos dos responsáveis e da própria observação pelos técnicos participantes da oficina de música, que os pacientes, de modo geral, têm apresentado um ganho qualitativo na interação, havendo um aumento

na expressividade emocional, por meio do contato visual e sorriso responsivo, bem como no engajamento das crianças com outras pessoas e na exploração do ambiente. Além disso, tem-se conseguido o estabelecimento de vínculos significativos com as crianças e, em muitas situações, a construção de encontros autênticos, por meio do cuidado e da responsabilidade para com elas, contribuindo para sua abertura ao mundo/ao outro bem como para o aumento de sua potência vital.

Ressalta-se, por fim, a importância de práticas como esta no campo da saúde/saúde mental que, por um lado, se apresentem como alternativas às práticas biomédicas e aos discursos reducionistas, vinculados à medicalização/psiquiatrização da vida, e por outro, ofereçam uma compreensão do ser humano em sua diferença radical, valorizando as múltiplas formas de existência e comportamento humano.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5 – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. Porto Alegre: Artmed, 2014

BUBER, M. Do diálogo e do dialógico, tradução de Marta Queiroz e Regina Weinberg, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1982

DIAS, A. Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal à narrativa capacitista social. Anais do I Simpósio Internacional de Estudos sobre a Deficiência – SEDPCD/ Diversitas/USP Legal – São Paulo, junho/2013

KIM, J.; WIGRAM, T.; GOLD, C. The Effects of Improvisational Music Therapy on Joint Attention Behaviors. In: Autistic Children: A Randomized Controlled Study. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 38, n.9, p.1758-1766, 2008.

LÉVINAS, E. Entre Nós. Ensaio sobre a alteridade. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005. MALLOCH S.; TREVARTHEN, C. Musicality: Communicating the vitality and interests of life. In: MALLOCH, S.; TREVARTHEN, C (Eds.). *Communicative Musicality: exploring basis of human companionship*. Oxford University Press, 2009.

OLIVEIRA, S. M. e LAMPREIA, C. Intervenção no Autismo baseada na Musicoterapia de Improvisação e no Modelo Dir-Floortime. *Revista InCantare | Curitiba | v. 8 | n. 1 | p. 1-156 | jan./jun, 2017.*

OLIVEIRA, S. M.; DAMASCENO, L.A.; HOFMANN, N.E.; DAMASCENO, L.A.; SCHAEFER, C.A.R.; SILVEIRA, A.C.M. Música, autismo e diferenças: a representação como violência em Lévinas e Deleuze. *Childhood and Philosophy*, v. 17, p. 1-18, 2021.

ORTEGA, F. O Sujeito Cerebral e o Movimento da Neurodiversidade. *Mana*, v.14, n.2, 2008.

STERN, D. *Forms of Vitality*. Exploring Dynamic experience in psychology, arts, psychotherapy, and development. Oxford: Oxford University Press, 2010, 174p.

TESSER, C. D. Prevenção Quaternária para a humanização da Atenção Primária à Saúde. *O Mundo da Saúde*, São Paulo; v. 36, n. 3, p. 416-426, 2012. WALKER, N. "Neuro-What?" Neurocosmopolitanism. Nick Walker's Notes on Neurodiversity, Autism and Cognitive Liberty, 2013. Consultado a 31/03/2017, em <http://neurocosmopolitanism.com/neuro-what/>

POLÍTICA EDITORIAL

A revista *Universidade & Sociedade* é um periódico acadêmico semestral da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal Fluminense que tem por objetivo difundir e divulgar a Extensão Universitária, promovendo um espaço para o debate e estimulando a reflexão acerca das ações extensionistas desenvolvidas pelas instituições públicas de nível superior e sua repercussão na sociedade, tendo por esteios a Política Nacional da Extensão estabelecida pelo Fórum Nacional dos Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX) e suas diretrizes, as quais devem nortear os textos submetidos.

Os trabalhos enviados para publicação na revista *Universidade & Sociedade* deverão obrigatoriamente ser artigos acadêmicos analíticos resultantes de estudos e revisões sobre temas relacionados à Extensão Universitária ou de experiências desenvolvidas nas áreas temáticas estabelecidas para a Extensão Universitária. Somente serão aceitos artigos inéditos e originais, não sendo permitida a sua apresentação simultânea em nenhum outro periódico. Os autores reservam para si todos os direitos autorais cabíveis e concordam em ceder à revista o direito de primazia da publicação e divulgação, bem como concordam com o uso pela publicação das imagens enviadas. O conteúdo dos trabalhos é de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores, não refletindo necessariamente a opinião do Conselho Editorial da revista *Universidade & Sociedade* ou de qualquer membro da Pró-Reitoria de Extensão da UFF. Todos os artigos submetidos deverão ser redigidos respeitando a norma culta da Língua Portuguesa e deverão seguir as normas técnicas da ABNT para publicação em periódicos acadêmicos.

Serão também publicados artigos de opinião, entrevistas e resenhas críticas de obras relacionadas à Extensão Universitária, todos a convite do Conselho Editorial da revista *Universidade & Sociedade*, não sendo aceitos para publicação trabalhos de natureza dos citados neste parágrafo sem prévia solicitação.

Todos os trabalhos enviados para publicação serão submetidos à análise do Conselho Editorial da revista *Universidade & Sociedade*,

e serão avaliados quanto à originalidade e à contribuição para a discussão dos temas relevantes à Extensão Universitária, bem como quanto à qualidade da redação, adequação às normas e à atualidade das referências bibliográficas. Ao Conselho Editorial fica reservado o direito de rejeitar os trabalhos enviados em desacordo com a política de publicação da revista *Universidade & Sociedade*.

Os trabalhos aprovados pelo Conselho Editorial serão submetidos à revisão pelos pares (professores da Universidade Federal Fluminense e professores convidados de outras instituições públicas brasileiras de nível superior com comprovada atuação na Extensão Universitária). Serão observados, além dos critérios gerais para publicação, a pertinência e a relevância social do tema abordado, a consistência teórica e metodológica da proposta, a qualidade argumentativa do texto, a originalidade, a atualidade de informação e o atendimento às normas éticas. Os pareceres de avaliação serão classificados nas categorias “aceito”, “aceito com restrição” e “não aceito”. Os trabalhos classificados na categoria “aceito com restrição” serão devolvidos aos autores para correções e modificações solicitadas pelos revisores. Os autores terão o prazo máximo de sete (7) dias, a contar do envio da solicitação, para reenviar o texto com as devidas alterações e modificações ao endereço eletrônico da revista *Universidade & Sociedade*. Os trabalhos classificados na categoria “não aceito” serão devolvidos aos autores, os quais ficam cientes de sua não publicação. Serão omitidos aos revisores os nomes dos autores dos artigos submetidos quando de sua avaliação, bem como permanecerão em sigilo os nomes dos avaliadores dos trabalhos.

Admite-se um número máximo de seis autores por artigo submetido para publicação

na revista *Universidade & Sociedade*. Artigos com número maior de autores deverão ser justificados, sendo objeto da avaliação por parte do Conselho Editorial, ao qual fica reservado o direito de recusar artigos quando infundadas as justificativas.

Os artigos submetidos deverão estar em conformidade com as normas estabelecidas pela política de publicação da revista *Universidade & Sociedade* e com os itens listados nas normas para submissão, e deverão ser encaminhados exclusivamente para endereço eletrônico universidadesociedade.proex@id.uff.br com o título do artigo no campo Assunto (não incluir o nome dos autores ou qualquer traço de identificação).

NORMAS PARA SUBMISSÃO

Quanto ao Formato: os textos devem ter entre 15.000 e 35.000 caracteres com espaço (incluídas referências e notas), em arquivo Microsoft Word 97-2003, ou em versão superior, formato A4, fonte Times New Roman, tamanho 12, texto justificado, espaçamento 1,5 com margens 2,5 cm. Cada artigo submetido poderá conter até 10 imagens (fotografias, gráficos, tabelas, etc) obrigatoriamente em formato .jpg, com resolução mínima de 300dpi por imagem, anexadas em arquivo ZIP ou RAR. Todas as imagens deverão necessariamente conter título e deverão ser enviadas no mesmo e-mail separadamente do arquivo Word, sendo o título publicado como legenda da imagem. Deverão ser sinalizados no arquivo Word os locais de inserção das imagens para publicação. Os autores ficam cientes de que imagens enviadas coladas no arquivo Word serão sumariamente desconsideradas, e ficam também cientes de que os arquivos coloridos de imagens poderão eventualmente ser publicados em preto

e branco no caso de impressos. O uso de figuras, tabelas e quadros é encorajado e devem ser usados para ilustrar dados relevantes do texto, bem como as fotografias. Não serão aceitas fotografias posadas com membros integrantes de ações extensionistas ou eventuais participantes.

Quanto à Estrutura: os artigos deverão obrigatoriamente conter Título, Resumo, Palavras-chave, Título e Resumo em Inglês (Abstract) e keywords. Os nomes dos autores e suas afiliações não deverão constar no arquivo do artigo a ser publicado. Estas informações deverão constar em um arquivo adicional submetido no mesmo e-mail de submissão em paralelo ao manuscrito, com o título 'Identificação dos Autores e Afiliação'. Este arquivo não será enviado para os revisores, mantendo o sistema duplamente anônimo de avaliação. Os autores deverão atentar para não deixarem qualquer marca de identificação em outras seções do arquivo Word com o artigo. Os artigos deverão conter Referências bibliográficas. Todas as citações bibliográficas cons-

tantes no texto devem ser incluídas na seção 'Referências' e devem conter as informações bibliográficas: autor(es), ano, local e editora (em caso de livros), volume, número e número de páginas ou número (código) do artigo. Nome dos periódicos por extenso, nunca abreviados. Fontes noticiosas, blogs, páginas pessoais e similares deverão ser evitadas. Artigos devem ser a fonte principal, além de livros, coletâneas e capítulos de livros.

Quanto ao conteúdo: a critério dos autores, os artigos poderão ser subdivididos, contendo Introdução, Fundamentação teórico-metodológica, Resultados (Relato de Experiência ou equivalente), Discussão e Conclusões/ Considerações Finais. Os subtítulos deverão estar em caixa alta e baixa, e sem numeração de ordem. Também fica a critério dos autores a inserção de agradecimentos.

Serão recusadas as submissões de artigos em desacordo com as normas descritas acima, sendo os autores informados da recusa e da devolução do trabalho submetido.